

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trab. Acad.
S. 9 (c)
3531

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ABRIGO DA FASE: HISTÓRICO E
TRAJETÓRIA DE VIDA DE INTERNOS.
UBERLÂNDIA, 1986-2005

ROSELMÍ DE MELO CHAGAS

3531
S. 9 (c)

ROSELMÍ DE MELO CHAGAS

ABRIGO DA FASE: HISTÓRICO E
TRAJETÓRIA DE VIDA DE INTERNOS.
UBERLÂNDIA, 1986-2005

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial
para obtenção do título de Bacharel em
História, sob a orientação da Profa.
Ms. Maria Andréa Angelotti Carmo.

Uberlândia, Setembro de 2006

ROSELMÍ DE MELO CHAGAS

ABRIGO DA FASE: HISTÓRICO E
TRAJETÓRIA DE VIDA DE INTERNOS.
UBERLÂNDIA, 1986-2005

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Maria Andréa Angelotti Carmo – Orientadora

Profa. Ms. Kátia Eliane Barbosa

Prof. Ms. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior

À memória de meu pai Gamaliel

À minha mãe Dorair

Ao meu esposo João

Aos nossos filhos Janeffer e Jafferson

Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e sustentador da minha vida por ter renovado minhas forças a cada dia.

Ao Reverendo João de Oliveira Souza, por colocar à minha disposição os arquivos referentes ao Abrigo da FASE e pela entrevista concedida.

Ao Senhor Almyr Rodrigues Dias, presidente da FASE que facilitou minha pesquisa cedendo todo o material disponível no arquivo que está em seu escritório.

À Coordenadora Denise e às demais funcionárias do Abrigo, que me receberam com muita presteza quando fiz as entrevistas.

Aos internos do Abrigo, pela disposição em me conceder as entrevistas.

À Profa. Ms. Luciana Miranda, que me orientou nos primeiros passos da pesquisa no Abrigo.

À Profa. Ms. Maria Andréia Angelotti Carmo, cuja orientação foi permeada de sabedoria e paciência, sempre valorizando o que eu conseguia realizar.

Aos Professores examinadores, que se dispuseram a fazer parte da Banca Examinadora.

Aos colegas de curso que nas horas difíceis me incentivaram ao enfrentamento.

Às amigas: Alcione, Aparecida Nascimento, Euzelina, Nívea e Simone Haut pelo incentivo que me proporcionaram e pelo exemplo de luta que sempre demonstraram.

Aos meus irmãos pelo estímulo e apoio no decorrer deste curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I: O CONTEXTO DA CRIAÇÃO DA FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL EVANGÉLICA REVERENDO ADÃO BOMTEMPO.....	14
1.1 - A INSTITUIÇÃO DA FASE.....	14
1.2 - A CRIAÇÃO DO ABRIGO.....	16
1.3 - A CHEGADA DOS PRIMEIROS INTERNOS.....	23
CAPÍTULO II: A TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO DE INTERNOS DO ABRIGO DA FASE.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
FONTES DOCUMENTAIS.....	55
FONTES ORAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

INTRODUÇÃO

Que futuro podemos esperar para a velhice de nossa classe trabalhadora? Esta é uma pergunta angustiante quando vemos tantas crianças vivendo na rua e tantos idosos abandonados. Muitos não recebem o cuidado da sociedade brasileira e muitas vezes não o recebem também da própria família.

A criança naturalmente vai crescendo e gradualmente se tornando independente até que passa a cuidar de si mesma e prover, quando trabalhadora, seu próprio sustento. Já a pessoa idosa tende ao declínio físico e mental e em muitos casos passa a se tornar permanentemente dependente dos cuidados de outras pessoas. Muitos idosos já se encontram livres do trabalho por terem se aposentado ou por receberem pensão como benefício previdenciário, mas, em inúmeros casos o que recebem é insuficiente para seu próprio sustento. Além disso convivem com muitos tipos de doenças, próprias da velhice ou adquiridas como consequência de uma vida de trabalho duro, que os impedem de se locomoverem sozinhos, de prepararem a própria alimentação e de cuidarem de si mesmos. Somado a tudo isso não é raro encontrarmos idosos que sofrem o abandono e o desprezo dos familiares mais próximos. As instituições de Longa Permanência, nome que atualmente é usado para designar os asilos para pessoas idosas, têm sido os lugares destinados aos que necessitam de amparo e onde muitos vão viver o resto de suas vidas sofrendo o isolamento da família e da sociedade.

Nosso papel como historiadores é perguntar por que aquelas pessoas estão ali quando deveriam estar em casa? Quem são? De onde vieram? Por que foram parar ali? Por isso escolhi como objeto deste estudo a trajetória de vida e trabalho dos internos do Abrigo da FASE (Fundação de Assistência Social Evangélica Reverendo Adão Bomtempo). Este Abrigo foi criado pela Segunda Igreja Presbiteriana de Uberlândia com o objetivo de atender pessoas idosas que precisassem de assistência especialmente aquelas que fossem membros da Igreja Presbiteriana e não tivessem familiares que pudessem cuidar delas. O Abrigo se localiza à Rua José da Silva Santos, 240 no Bairro Santa Luzia em Uberlândia.

O tema escolhido se justifica porque a situação das pessoas idosas na nossa sociedade ainda é uma questão que não foi totalmente resolvida e nos incomoda, tendo em vista que não é raro vermos na mídia denúncias de maus tratos tanto de pessoas idosas que

ficam aos cuidados de empregados quando a família está ausente para trabalhar, quanto daquelas que se encontram institucionalizadas.

A escolha deste tema tem também uma origem pessoal pois, em meus tempos de infância, em minha família numerosa com sete filhos, casa pequena e simples havia lugar para acolher mais gente. Foi assim que veio morar conosco uma tia mais velha, irmã de minha avó paterna. Ficou durante muitos anos conosco, depois foi morar com outro sobrinho e viveu os últimos anos de sua vida em um asilo. Quando eu soube que ela mudara para o asilo fiquei admirada de que tivesse feito isso por decisão própria e que afirmava que era lá que queria ficar porque estava contente de estar com seus "irmãos". Ela foi para um abrigo de sua própria religião. Acostumada a viver em uma família que sempre cuidou de seus idosos, ver uma tia mudar-se para um asilo por preferi-lo à vida com sobrinhos era algo incomum que acabou se tornando aceitável por ser este um desejo dela mesma e uma decisão tomada com autonomia que lhe conferia alegria e conforto na última etapa de sua vida.

Além deste exemplo nunca ouvi falar de outro idoso na família que quisesse ir para um asilo ou que a família sequer pensasse nesta possibilidade, portanto não caracterizando uma prática

Muito tempo depois, residindo em Uberlândia, tomei conhecimento de que a Segunda Igreja Presbiteriana estava levantando recursos para a construção de um abrigo para idosos. Era uma idéia nova, diferente, no interior da Igreja à qual sempre pertenci e que sempre ensinou às famílias o dever de cuidar de seus próprios idosos. Era isto que vinham fazendo os membros da referida Igreja, cuidando não só de seus membros mas também assistindo pessoas sozinhas, velhas e necessitadas que moravam ao redor da Igreja até que, num dado momento, perceberam que o trabalho social que prestavam já não era mais suficiente, precisavam oferecer abrigo e assistência contínua a algumas pessoas.

Aconteceu então que a Junta Diaconal, responsável pela ação social da Igreja, visitou um asilo mantido por uma Igreja do Estado de São Paulo e concluiu que esta era a solução para os problemas que enfrentavam aqui. Levaram o assunto ao Conselho da Igreja. Na Ata de organização da FASE consta o seguinte registro:

Em virtude das grandes necessidades de assistência aos idosos, a Junta Diaconal da Segunda Igreja Presbiteriana de Uberlândia propôs ao Conselho da referida

Igreja a fundação de uma instituição que pudesse assisti-los. O assunto foi levado a toda a Igreja que também esposou a idéia, e hoje, dia primeiro de novembro de hum mil, novecentos e oitenta e sete, sob a presidência do Reverendo João de Oliveira Souza, Pastor da igreja, no templo da Igreja situado à Rua Rivalino Pereira número trezentos e oitenta e quatro reúne-se uma assembléia para a organização da Fundação de Ação Social Evangélica Reverendo Adão Bomtempo.¹

Foi no ano de 1986 que ocorreu a idéia de se criar um Abrigo para idosos e no ano seguinte a FASE foi constituída. Desta data até 2005 é o período estabelecido como corte cronológico da pesquisa que realizei. É o período da construção do abrigo e de dez anos de funcionamento prestando assistência a idosos carentes como era o objetivo inicial. Para este estudo investiguei, através da leitura, a documentação escrita da instituição e também procurei conhecer a história de vida dos internos através do trabalho com a memória e com a história oral fazendo entrevistas pessoalmente com os que se encontravam com boa saúde mental e dispostos a contar a sua história. Procurei assim, compreender o que levou estas pessoas a precisarem viver no abrigo, qual a trajetória de vida desde a infância até chegarem ali, que trabalho realizaram, qual a relação com a família e como se sentem vivendo num ambiente não familiar e que tende a ser permanente para muitos.

Para o estudo do Asilo a documentação escrita foi muito importante especialmente os livros de Atas de reuniões onde ficaram registrados os passos dados para construí-lo e mantê-lo em funcionamento. Como tive objetivo também levantar a trajetória de vida e trabalho de internos procurei trabalhar com a memória e com a História Oral. Pude assim constatar o que diz Alessandro Portelli: “trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição”².

Sem as memórias dos internos entrevistados não seria possível conhecer a sua história de vida o que deixaria este trabalho incompleto. Assim, procurei escrever a trajetória de vida a partir deles mesmos, da história que eles mesmos contaram nas entrevistas não procurando saber se eram verdade ou não, tendo em vista que, ao contar a sua história, o narrador atribui, no presente, significado ao seu passado, pois, segundo

¹ Ata de Organização da Fundação de Ação Social Evangélica Reverendo Adão Bomtempo de 01/11/1987. Arquivo da Instituição.

² POTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, n° 14. São Paulo, fev/1997, p.37.

Portelli, “recordar e contar já é interpretar”³. Entrevistei também pessoas que administram o Abrigo tais como a atual Coordenadora, cujo trabalho é realizado dentro do próprio abrigo e, portanto, tem contato bem direto e constante com os internos, e o Pastor da Segunda Igreja Presbiteriana que está lá desde antes da criação do Abrigo, participou de todo o processo de criação e construção e ainda faz parte da Diretoria da FASE. Com isto busquei compreender como os idosos chegaram ao Abrigo, como vivem lá, os critérios para receber uma pessoa ali.

Através de entrevistas com internos procurei entender o que os levou a viverem lá. Se trabalharam a vida toda por que precisaram viver ali? Para isto foi muito importante o trabalho com a memória através da história oral contada pelos próprios internos. Nas entrevistas com os internos procurei perguntar pela sua origem, sua família, o trabalho e o que levou cada entrevistado a procurar abrigo no asilo naquele momento da sua vida, deixando que as respostas fruissem das narrativas de suas próprias experiências. Isto nos possibilitou conhecer as dificuldades que tiveram como trabalhadores e as mudanças ocorridas na família e na sociedade que contribuíram para que ficassem desamparados. Ainda dentro do tema procuramos investigar a importância do Abrigo, como se vêem lá dentro, se estão satisfeitos ou se preferiam não estar ali. É uma história diferente pois ao usar as narrativas dos entrevistados eles se tornaram parte da história. Neste sentido Portelli contribui para entendermos, como ele mesmo coloca em um dos aspectos, o que faz a história oral diferente ao dizer que:

A história oral muda a forma de escrever da história da mesma maneira que a novela moderna transformou a forma de escrever da ficção literária: a mais importante mudança é que o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história⁴.

A partir destes dados busquei trazer o tema para discussão e dar visibilidade a sujeitos que estão colocados à margem da sociedade, vivendo em instituição asilar e contribuir com este trabalho para que eles mesmos sejam os sujeitos desta história pois não o são da história oficial.

³PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1 nº 2, 1996. p. 60.

⁴PORTELLI, Alessandro. *Op.cit.* p. 38.

Para proceder ao trabalho de entrevistas fui ao Abrigo, pela primeira vez, quando estava preparando o Projeto desta monografia com a finalidade de verificar a viabilidade da pesquisa e aproveitei a oportunidade para entrevistar a coordenadora, conhecer o espaço físico da instituição e estabelecer o primeiro contato com os internos e anotar os nomes dos que, à primeira vista, me pareceram possíveis de serem entrevistados. Posteriormente, quando estava cursando a disciplina Monografia I, retornei ao Abrigo, desta vez acompanhada pela então orientadora Prof^a. Ms. Luciana Miranda que achou por bem conhecer pessoalmente o Abrigo, objeto de minha pesquisa que ela estaria orientando. Nesta visita conversamos com vários internos e, ao nos apresentarmos, falamos da pesquisa e perguntamos se se dispunham a conceder entrevistas em outra oportunidade. Uns responderam afirmativamente outros disseram que “não davam conta” ou não sabiam fazer isto. Logo após esta visita listamos juntas aqueles que nos pareceram que poderiam ser selecionados por apresentarem melhor saúde física e mental com lucidez bastante para responder às perguntas. A instituição abrigava, na época das entrevistas, vinte e uma pessoas. Mesmo aqueles que não entrevistei me ajudaram para este trabalho, pois, pude observar, cada vez que estive lá, como se comportavam uns com os outros, ouvir reclamações sobre familiares que os internaram contra sua vontade, perceber o silêncio e o isolamento que adotaram como forma de resistência àquele ambiente a que foram submetidos.

Fiz as entrevistas com internos do Abrigo e também com uma senhora, Dona Geralda, que é de Araguari mas esteve por algum tempo morando na casa de sua irmã, que é minha vizinha, e tivemos oportunidade de conversar e ela me disse que estava aguardando completar sessenta anos de idade para ir morar no Abrigo da Fase. Não cheguei a usar a sua entrevista como também de outra interna, porém contribuíram para alargar minha compreensão do que as pessoas esperam encontrar num asilo. Já com as entrevistas feitas a Professora Luciana interrompeu a orientação por motivo de mudança do país para fins de estudos e me encaminhou para continuar sendo orientada pela Prof^a Ms. Maria Andréa que prontamente se dispôs e, sem mudanças nos rumos da pesquisa, prossegui fazendo leitura das fontes documentais, um trabalho que me permitiu conhecer o histórico da FASE.

Que mudanças ocorreram na família e na sociedade que levaram a Igreja a sentir que precisava construir um abrigo para idosos? A proposta de fundação de uma instituição que pudesse assistir a idosos acontece na década de 1980. Nos anos 80 houve movimentação no país por parte dos aposentados. Organizam-se e criam um Partido Político denominado PAN (Partido dos Aposentados da Nação) e também Associações de Aposentados com o objetivo de lutar por seus direitos. Também na década de 80 (1988) é promulgada a nova Constituição Federal que pela primeira vez inclui leis específicas para idosos no que foi seguida por outras leis criadas pelos Estados e Municípios brasileiros também os favorecendo. A população de idosos aumentou nesta década, talvez isto contribuiu para que a Igreja percebesse que o cuidado e assistência que vinha prestando a idosos carentes já não eram mais, neste momento, suficientes e precisavam oferecer também abrigo num lugar apropriado.

Nenhum caso de vida de pessoas idosas serve de exemplo para generalizarmos a situação na sociedade em que vivemos. Há muitos que vivem esta como a fase mais feliz de toda a sua vida, mas isto é raro se comparado à realidade de muitos que trabalharam a vida toda e nunca conseguiram sequer uma casa para morar. Talvez por chegarem à velhice nessas condições é que vários internos do Abrigo da FASE se dizem satisfeitos por estarem ali onde encontram, segundo eles, tudo o que não puderam conseguir durante toda a vida ainda que tivessem trabalhado tanto.

Alguns autores muito contribuíram para a realização deste trabalho entre os quais vale considerar os trabalhos de Ecléa Bosi⁵ sobre memórias de velhos da cidade de São Paulo, Cilésia Aparecida Pereira⁶ muito interessante sobre a velhice, sua institucionalização como prática social e o cotidiano dentro do asilo. Sobre a vida familiar, o trabalho e a educação formal, vale ressaltar o trabalho de Antônio Cândido⁷ sobre a vida do brasileiro no campo, origem de parte dos entrevistados e internos do Abrigo da FASE.

Este trabalho monográfico está dividido em dois capítulos. No primeiro que intitulei “O Contexto da Criação da Fundação de Ação Social Evangélica Reverendo Adão Bomtempo” trabalhei o histórico do Abrigo da FASE desde o surgimento da idéia da sua

⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁶ PEREIRA, Cilésia Aparecida. *A Institucionalização da Velhice e o Cotidiano de Internos do Asilo São Vicente de Paulo em Paracatu*. Dissertação de Mestrado – História Social. UFU, 2004.

⁷ CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 8.ed. São Paulo: Ed. 34, 1997

criação em 1986 até 2005 incluindo a chegada dos primeiros internos. No decorrer deste capítulo procurei escrever sobre a FASE e analisar não apenas o Abrigo por ele mesmo mas também os acontecimentos e mudanças sociais e econômicas pelos quais passaram o país e que influenciaram a situação econômica de pessoas idosas levando-as a passarem por necessidades básicas para viver e, como foi possível perceber, a FASE também foi afetada e sofreu dificuldades financeiras. O segundo capítulo intitulado “A Trajetória de Vida e Trabalho de Internos do Abrigo da FASE” tem como ponto principal o trabalho realizado com as entrevistas onde tratamos da trajetória de vida constatando com os depoimentos o significado que dão, na memória, ao trabalho que realizaram antes da mudança para o Abrigo e também à família que foram perdendo ao longo de suas vidas, e, finalmente, procuramos captar em suas falas as narrativas que eles nos trazem de suas vivências e convivências no espaço do Abrigo que são permeadas de sentimentos que variam de uma pessoa para outra revelando a importância que o Abrigo tem para eles.

CAPÍTULO 1 - O CONTEXTO DA CRIAÇÃO DA FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL EVANGÉLICA REVERENDO ADÃO BOMTEMPO

1.1. A INSTITUIÇÃO DA FASE

As políticas sociais voltadas para uma melhoria de vida ocorrem em vários lugares do Brasil e em diferentes situações. Tais políticas possibilitaram a criação de instituições especializadas em cuidar de pessoas com carências e os mais diversos problemas. Um exemplo de instituição especializada e que se dedica ao cuidado de pessoas carentes e problemáticas são aquelas assistenciais e que são freqüentes em nossa sociedade, como aquelas que abrigam os idosos. Nesse caso, merece destaque o Abrigo da Fundação de Ação Social Evangélica “Reverendo Adão Bomtempo” também designada pela sigla FASE. Para compreendermos o Abrigo desta instituição, primeiramente procuramos saber um pouco sobre a história da Fase e sua origem.

A FASE criada no ano de 1987, conforme seus Estatutos, terá por finalidade:

Atuar na valorização da vida do ser humano mediante o oferecimento de módulos e/ou departamentos especialmente direcionados em prol de serviços comunitários e de assistência social, prestando apoio material, moral e espiritual, desenvolvendo atividades sócio-educativas a idosos, mendigos, portadores de necessidades especiais, adolescentes, usuários de drogas indevidas e crianças carentes. Fornecer condições de trabalho e lazer, de acordo com a capacidade e interesse de cada pessoa atendida. Toda prestação de serviço será gratuita e permanente, sem discriminação de raça, religião, partido político, sexo ou condição financeira, e de acordo com as necessidades dos atendidos e recursos disponíveis, consoante regimento de cada módulo.⁸

Como se observa embora a FASE seja uma instituição ligada à 2ª Igreja Presbiteriana de Uberlândia seu Estatuto observa a não diferenciação no tratamento e assistência a qualquer pessoa que por ela venha a ser atendida, fazendo crer em uma ação de prestação de serviço não discriminadora. A FASE, portanto, prevê ações ligadas aos

⁸ Art. 3º dos Estatutos da FASE (Redação atualizada), 2004. Arquivo da Instituição.

mais diferentes grupos como mendigos, adolescentes, usuários de drogas e outros, demonstrando preocupação e possibilidades de ação frente aos grupos marginalizados na sociedade e que parecem ocupar maior visibilidade ou ser alvo de preocupação social naquele momento histórico.

Acerca de sua estruturação tem-se que a FASE se constitui de quatro grupos: **Membros Fundadores**: aqueles que assinaram a ata da fundação da FASE; **Membros Natos**: os membros do Conselho e da Junta Diaconal da II Igreja Presbiteriana de Uberlândia que estejam em atividade; **Membros Mantenedores**: aqueles que contribuem voluntariamente com a entidade; e **Membros Especiais**: aqueles que não são membros fundadores nem contribuintes, incluindo-se nesta categoria os beneméritos, honorários e remidos⁹. Os membros são recebidos por apresentação em reunião e o Conselho Deliberativo aprovará ou não a inclusão. Só podem ser membros da FASE pessoas evangélicas que estejam em comunhão com suas respectivas comunidades e mantêm fiéis às contribuições e obedientes aos estatutos e deliberações da FASE.

São órgãos da FASE: **Assembléia dos membros** – órgão soberano constituído de membros, se reunirá ordinariamente uma vez por ano convocada pelo presidente ou em seu impedimento, pelo vice-presidente; **Conselho Deliberativo** constituído por doze membros da Assembléia geral com mandato de dois anos, podendo ser reeleitos, que se reunirá sempre que convocado pela Diretoria; **Diretoria**: eleita ou reeleita pelo Conselho Deliberativo com mandato de dois anos e que terá a finalidade da administração da FASE e constituída de: Presidente, Vice-Presidente, Primeiro e Segundo Secretários, Primeiro e segundo Tesoureiros; **Conselho Fiscal** constituído por três membros e seus respectivos suplentes eleitos pela Assembléia Geral cujo mandato será coincidente com o mandato da Diretoria; **Coordenadores** como parte funcional.

As principais fontes de recursos da Fase são recursos próprios, ofertas, contribuições, subvenções públicas, doações ou legados, contribuições de seus membros, contribuições voluntárias dos beneficiários atendidos ou de seus familiares, bem como qualquer outra forma de doação de pessoas físicas e jurídicas.

⁹ Os membros especiais são aqueles que contribuem para a manutenção da FASE e a honram de outras maneiras que não a contribuição financeira e são desobrigados de qualquer compromisso.

Atualmente a FASE possui três módulos: CEATI (Centro Evangélico de Atendimento à Terceira Idade) que é nova designação para o Abrigo de idosos, CEAC (Centro Evangélico de Atendimento à Criança) que oferece reforço escolar e alimentação no local para crianças de seis a doze anos de idade e CEREM (Centro Evangélico de Reabilitação do Menor) que oferece abrigo e tratamento para recuperação de adolescentes usuários de drogas não legais.

Ao constatar na documentação a mudança da nomenclatura para designar o Abrigo da FASE achei interessante notar que essa mudança também está marcada no tempo. Historicamente o termo Asilo foi utilizado na década de 1970 para designar as instituições para idosos. Na década de 1980 muda para Abrigo que foi o termo usado pela FASE nesta mesma época. Mas, este termo já não atende mais. Quando fiz a entrevista com a Coordenadora do Abrigo ela mencionou que agora o termo usado é Instituição de Longa Permanência¹⁰, termo que passou a ser usado no Estatuto do Idoso.

A FASE tem sua sede em Uberlândia à Rua José da Silva Santos, número 240, Bairro Santa Luzia, onde também está localizado o Abrigo para idosos que foi a inspiração para a criação da própria FASE. Seu atual presidente é o Senhor Almir que muito contribuiu para a produção deste trabalho fornecendo atas e outros documentos necessários para a construção do histórico da FASE.

1.2 – A CRIAÇÃO DO ABRIGO

A partir dos dados e documentos que se tem pode-se dizer que a idéia de criar o Abrigo não surgiu por acaso, mas, adveio ao constatar uma realidade em que pessoas idosas naquele momento passavam por grandes necessidades e que a assistência como vinham prestando não era mais suficiente para supri-las de maneira que se tornou necessário providenciar assistência mais completa, pois se constatou que o trabalho social que vinha sendo realizado por membros da Igreja já não bastava como ficou registrado na ata de organização da FASE: “Em virtude das grandes necessidades de assistência aos

¹⁰ Entrevista concedida à autora por Denise de Fátima Bond Jager em 12/04/2005.

idosos, a junta diaconal da Segunda Igreja Presbiteriana de Uberlândia propôs ao conselho da referida Igreja a fundação de uma instituição que pudesse assisti-los”.¹¹

Para que a Igreja chegasse a ter um Abrigo de Idosos funcionando e atendendo àqueles que foram parar ali, a FASE enfrentou uma trajetória de esforços, tentativas e lutas no plano financeiro como se pode observar através das atas. Não desistiram de fazê-lo, ao contrário, resolveram ampliar a assistência social criando um local adequado para isto. Estabeleceram como objetivo ao organizar uma Fundação, construir e manter um asilo que pudesse manter abrigado e com as demais necessidades supridas pessoas idosas que não tivessem quem delas cuidasse.

Na entrevista concedida por Denise (Coordenadora do Abrigo), ela conta um pouco da história de como surgiu a idéia de criar um abrigo:

*A Igreja através de algumas senhoras, que eram membros, assistiam a idosos que moravam próximos da Igreja, como por exemplo o Senhor José que morava só e não tinha condições de cuidar de si, então essas senhoras se revejavam indo lá limpar a casa, fazer comida, etc, mas no dia em que nenhuma podia ir, ele ficava sem cuidados. A Junta Diaconal vendo que a assistência voluntária era insuficiente e tendo visitado um abrigo evangélico para idosos no Estado de São Paulo resolveu criar um abrigo em Uberlândia em 1986...*¹²

A princípio pensou-se em abrigar pessoas que já recebiam assistência por parte da Igreja. O Pastor da 2ª Igreja (em 2005), que já a pastoreava desde antes da organização da FASE, em entrevista também menciona que é para pessoas acima de 60 anos como está no Estatuto do Idoso e especialmente pessoas que não têm quem cuida e então essas pessoas, tendo vaga, são recebidas independente de serem evangélicas ou não. Afirmo que o abrigo foi construído com o objetivo de atender primeiramente os de casa:

*Foi construído especialmente visando os evangélicos, por que? Porque inclusive, era membro da Igreja Central, havia aqui uma senhora, Dona Maria, o esposo muito crente, na Igreja Central muitos anos, e o esposo dela faleceu e ela ficou internada em Instituição espírita, entendeu? E a gente via aquilo lá e foi servir de estímulo e ... então foi estimulado também para atender especialmente os de casa e depois qualquer um. Então lá nós temos alguém da Igreja Presbiteriana, Batista, Assembléia de Deus, Católicos, etc.*¹³

¹¹ Ata de Organização da Fundação de Ação Social Reverendo Adão Bomtempo de 01/11/1987. Livro de Atas da Assembléia. Arquivo da Instituição.

¹² Entrevista concedida à autora por Denise de Fátima Bond Jager em 12/04/2005

¹³ Entrevista concedida à autora pelo Reverendo João de Oliveira Souza, em 26/05/2005

Percebe-se que a Igreja além de tomar conhecimento das necessidades de vários idosos teve também a preocupação com os seus membros e apresentando uma certa necessidade de se responsabilizar por eles, pois não querendo ver seus idosos em instituições de outra religião pareceu reconhecer que tem responsabilidade para com eles isto parece ter sido um estímulo para construir um abrigo. Embora ensine, pregue, que as famílias devem cuidar de seus próprios idosos, se há idosos que não têm quem cuide na família então aí o abrigo da FASE tem como objetivo atendê-los.

Ao ser perguntada sobre critérios para seleção daqueles que pleiteiam uma vaga no Abrigo e se os evangélicos têm preferência a Coordenadora responde que “Não. Evangélicos não têm prioridade. Prefiro não ter evangélico aqui para ser assistido porque assim sei que a Igreja está cuidando dos seus idosos na família”¹⁴. Revela assim que o objetivo atualmente do Abrigo não é assistir só idosos que sejam membros da Igreja fundadora do abrigo embora tenha sido mencionado pelo Pastor João que é para estes também. Na realidade, este sempre foi o ensinamento da Igreja: a família cuidar dos seus. Ela afirmou ainda que o Abrigo atende o Estatuto do Idoso com respeito à idade, desta maneira são atendidas as pessoas acima de sessenta anos e que o motivo de estarem ali no Abrigo não é sempre por vontade mas por necessidade conforme explicou: “o nosso objetivo é dar atendimento a pessoas que precisam dele. Muitos querem estar aqui, mas, há outros que é por falta de opção, são carentes do atendimento”.¹⁵

Ao pesquisar a história do Abrigo da FASE e constatar que é na década de 1980 que a Igreja parece perceber que as necessidades de pessoas idosas são grandes e que por isso precisavam ampliar-lhes a assistência, me levou a pensar na situação econômica do Brasil naquele período. Os anos 80, na economia brasileira, ficaram conhecidos como a “década perdida” e isto não foi por acaso. Nesta década o governo brasileiro desenvolveu vários planos econômicos que visavam o controle da inflação, porém, sem sucesso. Com altas taxas de inflação, como em outras épocas, os mais pobres foram duramente afetados e os idosos, já sem condições de trabalhar, passavam necessidades e essas necessidades puderam ser percebidas pela Igreja ficando registrado em atas e outros documentos.

¹⁴ Entrevista concedida à autora por Denise de Fátima Bond Jager em 12/04/2005

¹⁵ Idem.

Organizada a Fundação com Estatuto próprio, sem fins lucrativos, deu-se início à preparação para construção da sede da Fundação e do Abrigo para idosos. Na entrevista com Denise, (atual coordenadora do Abrigo) ela conta como foi que começaram e como o poder público ajudou na época:

Na época da criação deste abrigo a Prefeitura doou o terreno para a Igreja e esta construiu este espaço. Levou de oito a nove anos para construir. Toda a construção foi com recursos da Igreja que hoje contribui financeiramente com um valor mensal para manutenção.¹⁶

A construção do Abrigo foi feita durante um período de aproximadamente oito anos. Neste período os membros da FASE se empenharam em fazer suas doações financeiras e em conseguir outros doadores para que a verba necessária à construção fosse arrecadada. Para enfrentar as dificuldades financeiras e a obra ser realizada foram feitos os arranjos e rearranjos, pois, as dificuldades econômicas do país afetavam os doadores também.

O pedido de contribuições para a FASE não se limitou aos membros da Igreja fundadora, mas, se estendeu às demais Igrejas Presbiterianas de Uberlândia e também às das cidades vizinhas pertencentes à Região do Triângulo Mineiro.

O Conselho Deliberativo da FASE escalou seus conselheiros em duplas para cuidarem das arrecadações vindas de outras Igrejas. Na ata do Conselho Deliberativo ficou registrado que “a finalidade é escalar conselheiros para tomarem conta das arrecadações que porventura vierem das outras Igrejas Presbiterianas de Uberlândia na forma de doações ou de contribuição mensal através de carnês”.¹⁷

As formas de arrecadar dinheiro para o sustento financeiro da Fundação eram duas: através de contribuições por meio de carnês em que as pessoas que quisessem fazer suas doações faziam um compromisso de doar uma quantidade mensal e também doações voluntárias e esporádicas sem o uso de carnês. Como não havia um critério de reajuste destas mensalidades através de carnês, foi que passaram as contribuições para percentuais do salário mínimo assim o reajuste se daria automaticamente toda vez que o salário mínimo fosse reajustado pelo governo conforme registro: “O presidente faz um relato dos trabalhos

¹⁶ Idem.

¹⁷ Ata do Conselho Deliberativo da FASE de 25/09/1988. Arquivo da Instituição.

que foram realizados na área em que está sendo construída a sede da fundação. Decide-se passar as mensalidades para percentuais do salário mínimo a partir deste mês.”¹⁸

Outra forma de arrecadação de doações foi através de débito em conta telefônica que facilitaria o recolhimento mas teria que contar com o empenho dos membros da Fundação para divulgar a forma de arrecadar e conseguir a adesão de maior número de contribuintes conforme solicitação do presidente que ficou registrada: “O presidente dá esclarecimentos sobre o débito em conta telefônica a favor da fundação e solicita aos membros que se empenhem na busca de mais contribuintes.”¹⁹

Há um aspecto interessante em relação às contribuições através de débito em conta telefônica, é que a CTBC (Companhia Telefônica do Brasil Central) faz o contrato mas tem uma condição: ter um número mínimo de contribuintes. Este número não foi conseguido pela fundação de imediato, então os membros da FASE foram motivados a conseguirem mais contribuintes. Não atingindo ainda o mínimo exigido pela companhia telefônica o arranjo pensado e realizado foi fazer uma parceria com outra entidade congênere: A Casa Betesda que é administrada pela Igreja Presbiteriana Central de Uberlândia e tem por objetivo hospedar acompanhantes de pacientes internados no Hospital de Clínicas de Uberlândia para tratamento de saúde.

Todo o processo de aprovação e acerto da parceria entre o abrigo Fase e Casa Betesda, parece ter sido longo, pois somente dois anos depois de cogitada essa possibilidade foi então aprovada conforme se registrou em ata.

*Aprova-se a parceria da FASE e Casa Betesda, obra social da Igreja Presbiteriana Central de Uberlândia, quanto aos débitos em conta telefônica. Considerando que o número de adesões para crédito da FASE tem reduzido consideravelmente, fazendo ficar vulnerável o acordo com a C.T.B.C., a Casa de hospedagem Betesda não pode com as poucas adesões, assinar o contrato próprio com a C.T.B.C.; segundo o analista de sistema responsável pelo programa, não vê nenhuma dificuldade operacional. A FASE tão logo receba em sua conta o valor relacionado aos débitos repassará aqueles que foram destinados à Casa Betesda, segundo o relatório emitido pela própria C.T.B.C.*²⁰

¹⁸ Ata do Conselho Deliberativo de 08/10/89. Arquivo da Instituição.

¹⁹ Ata da Assembléia da FASE de 10/02/2001. Arquivo da Instituição.

²⁰ Ata da Diretoria da FASE de 13/09/2002. Arquivo da Instituição.

A operacionalização do processo de recolhimento das doações e posterior divisão entre as duas entidades parceiras, não parecia ser problema segundo as informações contidas em ata e poderiam ser facilmente repassada pela empresa de telefonia CTBC.

Contudo, o número de doadores e a quantia exigida em contrato pela empresa de telefonia não estava fácil de ser alcançada, conforme se registra 06 (seis) meses após a aprovação da parceria.

O presidente informa que o convênio para débito em conta telefônica ainda não atingiu o mínimo exigido pela CTBC, diante disso faz um desafio a que cada um consiga pelo menos dez pessoas para ajudarem assim atingir o número necessário de doadores.²¹

Percebe-se que a FASE enfrentou graves embates financeiros, mas a obra de construção do Abrigo foi levada adiante. Ao que se constata nas atas fazendo avaliações, análises, ponderações da situação financeira da Fundação, tomavam sempre a decisão de levar adiante a obra e sempre procurando um arranjo para que pudesse dar continuidade à construção, conforme se registra desde o início das obras de construção do abrigo.

Também se percebe nesses documentos (atas) o registro das dificuldades por que passa o país e a continuidade do projeto de construção com campanhas de arrecadações para o andamento da obra.

Em seguida o presidente em rápidas palavras mencionou a situação que se encontrava o nosso país, situação essa nada agradável de um clima totalmente desesperadouro quanto à questão financeira. Por um outro lado proferiu também uma palavra de ânimo junto a esta mesa para que nós não desanimássemos, que fôssemos adiante pois caminhando e entregando" nas mãos de nosso Deus "nada seria em vão, pois Ele é nosso Rochado forte. Logo após foi passada a palavra à mesa para que fossem sugeridos as sugestões e planos para a construção da FASE. Foi sugerido pelo tesoureiro da FASE o senhor José Maria e aprovado por unanimidade por todos, campanha por etapa de construção, ou seja, campanha para fundir laje, campanha do reboco, campanha para levantar o telhado e assim por diante até o fim da construção. O presidente ressaltou ainda que fossem enviadas cartas às igrejas do nosso Presbitério para

²¹ Ata da Diretoria de 07/04/2003. Arquivo da Instituição

*que fossem incluídos em seus orçamentos para o ano de hum mil novecentos e noventa e um uma ajuda financeira para a construção da FASE.*²²

Na década de 1990 em que a construção do abrigo está sendo efetivada, eventos econômicos e políticos de âmbito nacional podem ser pensados como a eleição para presidente e a posse de Collor de Mello. A situação do país se caracterizava por uma inflação extremamente elevada e a medida tomada foi o bloqueio de grande parte do dinheiro que as pessoas e as empresas tinham nos bancos em conta corrente, em cadernetas de poupança e em outras formas de aplicação com o objetivo de diminuir o volume de dinheiro em poder das pessoas e, assim, conter a inflação. Mencionando o contexto histórico da sociedade brasileira não está se justificando a criação e construção do Abrigo da FASE, nem tão pouco, dizer que é nesse contexto que se pensa o abandono aos idosos e criação de asilos, mas busca-se pensar que nesse contexto de desespero havia grupos atuando no sentido contrário, de organização e busca de condições sociais melhores. Apesar de todas as iniciativas, a situação do país continuou difícil com recessão, queda dos salários e aumento do desemprego e posteriormente a inflação voltou a subir. Embora as pessoas tivessem ficado em dificuldades com o dinheiro bloqueado a Diretoria da FASE continua incentivada a terminar a construção conforme registro: "Usa a palavra o presidente eleito agradece e fala sobre a necessidade de levar avante a obra da construção do abrigo de idosos com muito empenho para colocá-lo em funcionamento o mais breve possível".²³

Nesse contexto de recessão, crise econômica, achatamento de salários e desemprego a FASE continua seu intento para a finalização de sua construção. Terminada a construção, o Abrigo foi inaugurado e imediatamente é nomeada uma comissão para preparar o regimento interno. E foi assim que em 30 de agosto de 1995 foi inaugurado o Abrigo, conforme registro a seguir:

Nomeia-se uma comissão para elaborar regimento interno da referida instituição, constituída das seguintes pessoas: Jorge, Rev. João e Sirley. Registra-se que no dia trinta de agosto de mil novecentos e noventa e cinco, às nove horas foi inaugurado

²² Ata do Conselho Deliberativo da FASE de 13/12/90. Arquivo da Instituição

²³ Ata da Diretoria da FASE de 04/09/94. Arquivo da Instituição

*o abrigo de idosos da Fundação de Ação Social Evangélica Rev. Adão Bomtempo.*²⁴

1.3 - A CHEGADA DOS PRIMEIROS INTERNOS NO ABRIGO

Cada pessoa tem uma história de chegada ao Abrigo. No caso do abrigo da FASE foram de diferentes formas. Trabalhos que abordam essa temática como o de Cilésia Aparecida Pereira, a Institucionalização da Velhice e o cotidiano de Internos do Asilo São Vicente de Paulo em Paracatu, 2004, tem-se que uns eram levados pela família, outros por patrões por estarem doentes e não poderem mais servi-los, outros ainda buscados pelas pessoas que trabalham no abrigo. Nas narrativas de internos da Fase se pode perceber que as experiências de institucionalização, a forma como chegaram ao Abrigo não são muito diferentes de internos de outros abrigos no país. Têm um passado anterior à chegada ali, que conforme contaram contribuiu para que precisassem da instituição.

Uma das entrevistadas, Dona Osvalda, revela a mobilidade que viveu. Nasceu na zona rural no município de Carmo do Paranaíba, Minas Gerais onde viveu até aos dez ou onze anos de idade com a mãe, quatro irmãos e o pai que de vez em quando aparecia para em seguida abandonar de novo a família. Morava em propriedade rural pertencente a outros e com a morte da mãe e o pai ausente os filhos foram separados para serem criados cada um com uma família diferente. A maior dificuldade foi com o irmão caçula que ninguém o queria pois seria muito difícil criá-lo visto que ainda era muito pequeno, mas, sobreviveu. Aos onze anos então, Dona Osvalda foi viver com uma família em Lagoa Formosa-MG e desde que lá chegou trabalhou pois, além do serviço da casa a família tinha uma pensão cujas tarefas ela foi assumindo cada vez mais à medida que ia crescendo e conseguindo realizá-las.

Aos vinte e dois anos de idade foi mandada embora da casa e como não tivesse uma família constituída a referência foi uma tia que trabalhava e morava na casa de um Pastor da Igreja Presbiteriana na cidade do Carmo do Paranaíba, para onde se dirigiu sem avisar, sem perguntar se podia ficar lá, mas deu certo e lá permaneceu até conseguir emprego. A

²⁴ Ata do Conselho Deliberativo da FASE de 01/09/95. Arquivo da Instituição

experiência em Carmo do Paranaíba foi, segundo ela, de muito sofrimento pois ficou tentando trabalhar de casa em casa sem conseguir acertar até que o referido Pastor mudou-se para Patrocínio e deu a ela a oportunidade de trabalhar no Instituto Bíblico, um Instituto que pertence à Igreja Presbiteriana do Brasil e que ainda está em funcionamento com regime de internato para os alunos e tem por objetivo preparar as pessoas para servirem à Igreja como evangelistas. Lá permaneceu por sete anos pois tinha trabalho certo no internato onde jovens vindos de diversas partes do país moravam durante o período de estudos. Ela saiu de lá porque tinha muita vontade de aprender a costurar e foi o que fez ajudada por pessoas que se compadeciam dela conforme revela em sua narrativa:

*E... até que depois eu fui trabalhar no Instituto, o Reverendo Estevão mudou pra Patrocínio, eu fui trabalhar no Instituto Bíblico, lá eu trabalhei sete anos. E fiquei assim; depois saí, né? Eu tinha muita vontade de costurar, sempre uma pessoa e outra tinha dó, começava me ajudar e eu... queria costurar e... e sofria demais, sofria humilhação demais; injustiça demais, demais mesmo!*²⁵

Posteriormente, muito doente, mudou-se para São Paulo a fim de tratar de sua saúde. Lá encontrou seu irmão caçula a quem procurou ajudar trabalhando como costureira, mas o irmão não correspondeu e muito a maltratou demonstrando uma vida de muitas amarguras pela maneira como foi vivendo jogado pelo mundo. Posteriormente outra irmã foi viver com ela até que o barraco no qual moravam num quintal de uma casa teria que ser vendido pelo novo proprietário e então as duas vieram viver em Uberlândia. Aqui cuidou desta irmã chamada Maria, de outra irmã que ficou parálitica e do marido dela que era cego. Esta irmã morreu e o marido ficou aos cuidados de filhas. Com pouco dinheiro e a saúde muito precária comunicou à médica que cuidava das duas que iriam para o abrigo. Ela concordou com a idéia dizendo: "Olha, eu num acho ruim não, porque vai chegar uma hora que você não vai dar conta nem dela nem de você."²⁶

E, Dona Osvalda disse que era o que estava acontecendo. Muito doente e cuidando da irmã que também se encontrava na mesma situação. Quem precisava ir para o abrigo era a Maria mas, sozinha Dona Osvalda não tinha condição de continuar morando onde estava

²⁵ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda Rezende Vieira, 83 anos em 05/11//2005 no Abrigo da FASE

²⁶ Idem

porque assim teria que pedir ajuda à Igreja como ela mesma conta: “Também daí a pouquinho eu num podia ficá lá sozinha, num ia dá conta de nada, o dinheirinho das duas dava pra nós vivê, mas sozinha não dava pra eu vivê não, tinha que tê ajuda da Igreja”²⁷ Foi assim que chegou ao Abrigo, doente, sem dinheiro para seu sustento e ainda com a responsabilidade de cuidar de uma irmã também muito doente.

Outro interno que conta a sua história é o Senhor Antônio. O passado foi diferente da realidade que vive atualmente. Num certo momento da vida a doença traz mudanças profundas. Nasceu em Alto Garças, Mato Grosso e foi ainda criança para o Araguaia onde morou por trinta anos “Ino pro Araguaia fiquei trinta anos lá. Tava bem de vida, tinha casa, tinha carro. Cabô tudo com o derrame”²⁸.

Ao sofrer um derrame cerebral ficou impossibilitado de cuidar de si mesmo e tudo que possuía gastou com o tratamento. Foi levado para o Asilo por um sobrinho e não se lembra de quando chegou no abrigo: “Num lembro mais não, tava com a cabeça virada.”²⁹

Sua ida para o abrigo se deveu ao fato de estar doente e dependente de cuidados e a situação agravada pelo fato de não ter mais onde morar. Foi levado por familiares, não foi uma escolha que ele fez com autonomia.

O Senhor Manoel, outro interno, não lamenta ter vindo para o Abrigo. Foi uma necessidade a partir do momento que recebeu alta no hospital onde ficou internado e concluiu que não tinha condição de voltar a viver com a esposa pois ela não tinha condição de cuidar dele. Chegou muito doente ainda, ficava na cadeira de rodas, dependente de cuidados. No dia da entrevista já andava normalmente e falava o quanto estava melhor e que ali tem tudo que ele precisa. Veio para o abrigo por estar muito doente, carente de tratamento para sua saúde e do cuidado de outros, sem família, sem casa própria. Ele narra a sua trajetória em busca de tratamento e que precisa de remédios para não repetir a doença:

...aí a sorte que tinha um telefone da minha subrinha, essa que me óia, e a muié foi no orelhão treis hora da madrugada e telefonô tinha orelhão lá perto, aí ela foi lá me buscá, aí ela chegô, me levô lá pro UAI lá da Vila Martins, fiquei interno. Aí fiquei lá dois dia e eles arrumaram lá na Medicina... aí fui lá pra Medicina pra tratá. E lá, já vi falá lá da Medicina e é gente que cunversa dimais, lá eles trata da gente, que cê precisa de vê! É direitim. Lá, se fô pra tratá e morrê é porque tinha que morrê, cê precisa vê! Eles fais uns exame assim é, se há alguma doença vê

²⁷ Idem

²⁸ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Antônio Silva, 74 anos, em 14/01/2006

²⁹ Idem

cumé que tá, a gente toma um remédio e tal, depois passa uns dias é torna fazê exame travêis pra vê se tá sarano ou cumé que é. Só veno! Aí quando eles viram que tava pronto, que eu saí dali eu saí até com a cabeça ruim assim, tonto . Aí o médico lá deu uma receita, eu tô tomano um remédio, que o Doutor lá falô qui é pirigoso vortá, intão tem qui tomá diário pra num repiti a doença.³⁰

Foi assim que chegaram ao abrigo: sem moradia, a família desfeita pela morte de seus membros ao longo dos anos, e a saúde precária deixando-os carentes de cuidados e ainda a falta de dinheiro para proverem não só o tratamento da saúde mas também as necessidades mais básicas de moradia e alimentação.

O Abrigo da FASE é importante pois acolhe idosos que não têm para onde ir. Nesse país onde a sociedade não cuida, como deveria, de pessoas idosas carentes e desamparadas, as instituições asilares tornam-se os lugares possíveis para aqueles que não têm onde morar.

No próximo capítulo o objetivo é a análise mais detalhada da trajetória de vida e trabalho de pessoas que são internos do Abrigo da FASE.

³⁰ Entrevista concedida pelo Senhor Manoel Matos atos, 82 anos, em 14/01/2006

CAPÍTULO 2 - A TRAJETÓRIA DE VIDA E TRABALHO DE INTERNOS DO ABRIGO DA FASE

Na pesquisa sobre o Abrigo eu tinha como objetivo de investigação um estudo sobre como foi a vida dos internos desde a infância até à institucionalização e para isto entrevistei alguns internos pedindo que eles me contassem sobre sua família, o trabalho, a educação, para conhecer sua trajetória desde a infância até chegar ao Abrigo.

Através das entrevistas pudemos conhecer um pouco da trajetória de vida e trabalho dos internos que concederam entrevistas e assim constatar que as pessoas que estão ali, e foram entrevistadas, são pessoas da classe trabalhadora. Os três entrevistados que cito aqui tiveram sua origem na zona rural. Seus pais trabalharam em serviços rurais e eles também começaram a vida de trabalho por onde os pais trabalharam e depois tiveram outras ocupações que descrevem e atribuem significado, que marcou as suas vidas por ter sido algo muito bom de que sentem saudade ou como um grande sofrimento que deixou conseqüências para toda a vida.

A família faz parte da memória de todos eles e ocupa um espaço importante em suas lembranças sempre relacionadas com suas próprias vidas, sejam as dificuldades que passaram pela falta dela, seja por estar vivendo situações semelhantes às que viveram alguns membros dela ou ainda, atitudes tomadas pelos pais que de alguma maneira afetaram o destino dos filhos.

Há uma multiplicidade de sentimentos manifestados ao contarem o que recordam da família principalmente de seus membros mais próximos com quem tiveram uma relação afetiva mais intensa.

Dona Osvalda, 83 anos, lembra que na infância tinha o pai, mas que ele era ausente, gerou os filhos mas não dispensou a eles o cuidado e o amor de pai pois não houve um convívio familiar como deveria ser e também não os sustentou materialmente como deveria ser a sua responsabilidade:

Meu pai não trabalhava. Mas, meu pai ele vivia assim, sabe? Eles eram casados, mas ele vivia era largano minha mãe e voltano, largano e voltano, largano e

*voltano e teve ocasião dele ficá quase seis ano sem voltá em casa. Aí voltava e punha mais um criulim na barriga da minha mãe, né? E nós eram cinco.*³¹

Para Dona Osvalda o pai é lembrado como uma pessoa que se manteve distante da família, sem responsabilidade com os filhos que gerou e que vivia numa situação indefinida de convivência com a esposa, de separação e retorno e que a cada retorno gerava um novo filho para logo ser desamparado aos cuidados somente da mãe. Sua falta de responsabilidade em “assumir a família” e cuidar dos filhos é interpretada como causa também de muito sofrimento para os cinco irmãos que com a morte da mãe quando ainda eram crianças, não tinha outro adulto que pudesse mantê-los juntos e então, como diz Dona Osvalda em sua narrativa, “foram esparramados”, criados por famílias diferentes nas quais não foram adotados como filhos, mas, criados para trabalhar, para servir.

Ao recordar do pai, a sua interpretação é que não teve pai, pois, as poucas vezes que ele esteve em casa não procedeu como tal. A lembrança de um pai que não cuidou dos filhos leva-a a conclusão de que para ser pai gerar o filho não é o bastante. Aparentemente, A falta que sentia do pai veio a ser suprida quando já estava no Abrigo:

*Eu sinto que estou no lugar que Deus preparou pra mim. A gente achou ruim porque cê vê, o Seu Jorge ficô aqui nove anos, né? E ele saiu a gente achô ruim demais ele tê saído, né? Dimais mesmo, né? Porque o Seu Jorge e o Reverendo João Souza pra mim eu falo que foi os pais que eu mais a Maria num conhecemos. E, eu estou muito contente, mas, eu me dou bem com a Denise. Tenho um bom relacionamento com ela. Ela é boa pros internos.*³²

O Senhor Jorge a quem ela se refere é o Senhor Jorge Portes que foi o primeiro coordenador do Abrigo, durante muitos anos exerceu esta função e estabeleceu um relacionamento muito estreito com as pessoas internadas ali. Foi quem se empenhou em construir no terreno do Abrigo, que já estava pronto, um lugar separado e independente só para ela que ela chama de “casinha”. E o Reverendo João Souza é o Pastor Reverendo João de Oliveira Souza que por muitos anos pastoreou a Segunda Igreja Presbiteriana de

³¹ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, Resende Vieira, 83 anos, em 05/11/2005.

³² Idem

Uberlândia. Já estava lá muito antes de surgir a idéia de criação de um abrigo, foi quem esposou a idéia juntamente com a Igreja, deu apoio e contribuição, presidiu e exerceu outras funções na diretoria da FASE e até 2005 estava no pastorado da referida Igreja e atualmente foi transferido. Estas duas pessoas, pelo trabalho que desempenharam no Abrigo, pelo que fizeram especialmente por Dona Osvalda, levam-na, ao recordar, a interpretar que foram os pais que tiveram, pais para ela e também para a Maria. Maria foi sua irmã que veio junto para o abrigo onde viveu por onze meses até à sua morte.

O Senhor Antônio, 74 anos, lembra do pai que como ele, sofreu um derrame cerebral que o levou à morte e que, não teve a assistência médica que ele tem para o mesmo problema de saúde e pôde se recuperar:

Mamãe e Papai moravam em Goiânia, era fazendero. Cabô tudo. Mudô pra Mato Grosso cum pôco de gado, tocô lavora, foi ino, foi ino... foi cabano tudo. Papai morreu de derrame. Eu tinha 15 ano. Ele ficava na cadeira preguiçosa, né? Nós tinha um cunhado que era farmacêutico formado. Tinha laboratório, quando ele dueceu punha ele no carro, carregava ele pra'qui pra'li. Pelejo pra recuperá ... naquele tempo era muito atrasado, né? Eu tinha quinze ano, muito tempo isso. Ele sentava na cadeira preguiçosa fica balançano e falava assim: " Ê, Olimpa! (minha mãe chamava Olímpia) tanto que eu gostava de zelá do meu gado, tratá dos meu porco... hoje fico aí , num ando." – " É Quirino, mais é sim mesmo! Depois cê vai sará". Fazia cigarro de paia pra ele. Quando foi pêli morrê, ele falô pa mamãe assim: " Ó Olimpa eu queria cumê uma canjica cum leite". Ela falô: " eu vô fazê pro cê". Feis, ele cumeu, morreu, aí morreu. Ih! Mais fais muitos zano, Dona do céu! Eu lembro cumo hoje (ri)³³.

As lembranças do Senhor Antônio sobre seu pai passa pela vida que teve como fazendeiro, que trabalhava, cuidava do gado e de outras criações, mas que após ter sofrido um derrame acabou a vida sem nada, lembrando-se do período em que tinha saúde e podia andar. É notável também nas lembranças do Senhor Antônio a presença de sua mãe Olímpia que ao lado do marido doente procurava animá-lo e também atender seus pedidos.

O Senhor Antônio fala também do seu próprio trabalho com saudade e para demonstrar que tem boa memória cita nomes dos patrões para os quais trabalhou:

³³ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Antônio Silva , 74 anos, em 14/01/06

... é saudade que eu tenho, francamente! Meus patrão cumigo, trabalhei com ele, tudo já morreu: Juraci Propino, Sinhô dos Padre, Chico Nunes, Dotor João de Araújo foi Prefeito no Araguaia, candidato e doutor também. Eu acho que ele morreu, mudô pra Goiânia muitos ano e já era véio. Acho que morreu mesmo.³⁴

Outro trabalho é trazido à memória, recordando os lugares por onde passou, trabalhando como motorista de caminhão:

Monte Carmelo, eu cunheço! Óia eu fui lá buscá mil telha num scânia novim! Da primeira viagem. Levei pra Mato Grosso. É um scânia novim com uma carretona atrás. Da primeira viagem passei em Estrela do Sul. É meu Deus do céu! Estrela do Sul é zona de garimpo. Passei no Canal de São Simão. Passei por aí tudo, fui im Tupaciguara. Nós vei com o caminhão chei de arrois e nós dispejô o arrois lá e pegô e foi pra Monte Carmelo buscá a telha e levamo pra Mato Grosso... Ih! Nossa Senhora! É ta coisa que eu tenho saudade, ta doido! Num vorta mais nunca Dona!... ...Ino pro Araguaia fiquei trinta ano lá. Tava bem de vida, tinha casa, tinha carro. Cabô tudo com o derrame...³⁵

Seu Antônio descreve seu passado de trabalho no qual podem ser percebidos fatos bem semelhantes na vida de seu pai no que se refere ao trabalho que ambos ficaram impossibilitados de continuar realizando por causa da mesma enfermidade que os atingiu e causou profundas mudanças em suas vidas. O pai era fazendeiro e tinha gado e lavoura, mas a doença o impossibilitou de cuidar do que era seu, tanto que reclamava para a esposa o quanto ele gostava de “zelar” do seu gado e tratar de seus porcos mas, a narrativa do Senhor Antônio sugere que ficava na cadeira de balanço vendo o serviço por fazer mas não podia andar para realizá-lo. Também, os gastos com o tratamento da saúde consumiu os bens que possuía. O Senhor Antônio, semelhantemente, adoeceu, vendeu os bens que possuía para seu tratamento e agora fica a recordar um tempo melhor do que este que agora vive em que tinha um trabalho que considera interessante por poder viajar, conhecer diferentes lugares e também quando tinha os padrões com quem se relacionava bem, pois, lembra deles com saudade e se refere a um tempo que não volta mais

Já o Senhor Manoel, 82 anos, traz as lembranças de que o pai não permitiu aos filhos estudarem direito dando preferência ao trabalho bem cedo na vida:

³⁴ Idem

³⁵ Idem

Estudei muito poquim. Quase num sei... lê eu leio um pôco, mais iscrevê quais que num sei nada não. Vô te falá, o meu pai, Deus que me perdô, ele já morreu, mais se eu ti contá como que nós foi criado ... ele ... depois da escola é ... fazia faiá da escola pra trabaia qüele. Então ele quase num fazia os fii i na escola. Intão é, aprindi do jeito que ocê falô aí: é pra assiná um documento, uma coisa assim³⁶.

As lembranças do senhor Manoel remetem à reflexão sobre o valor que ele dá à educação formal que não pôde ter porque tinha que trabalhar. Talvez para ele, essa formação tenha feito falta pois ele parece “magoado” com o fato de “não saber escrever e ler um pouco”.

Ele recorda também do trabalho que o pai realizava fornecendo matéria-prima para o trabalho de outros, e sempre contava com a cooperação dos filhos:

Meu pai é, pois é, trabalhava serviço grossêro, naquele tempo tinha fábrica de colchão na cidade (Araguari) nós pegava cortava capim e ele fornecia a fábrica de colchão e tinha aquele pau que chamava barbatimão é, tirava a casca pra curtir e, é, essas coisas assim, só serviço grossêro e ruim.³⁷

O Senhor Manoel considera o “serviço” do pai como grosseiro e ruim, talvez porque esteja comparando-o a outras atividades, mas em seu relato demonstra todo um saber fazer acerca da atividade.

Os filhos estavam incluídos no trabalho do pai que, portanto, era um trabalho realizado sob a administração deste e realizado pela família, ao menos pelos filhos homens. Este fato na memória do Senhor Manoel nos reporta a um tempo em que era comum os pais absorverem os filhos no trabalho. No texto de João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais este fato é assim mencionado:

A mulher continuava, antes de tudo, ventre gerador de uma penca de filhos: alguns morriam, mas os muitos que “vingavam” ajudariam na lavoura. A absorção dos filhos pelos pais – que dá tanta estabilidade a este tipo de família – é uma realidade muito palpável. Os pais podiam controlar os filhos apenas com os olhos. Mas empregavam-se, também, os castigos severos, a surra de relho, de vara, de correia. E os ensinava a manejar a enxada, a foice, o machado, a cavadeira, o

³⁶ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Manoel, 82 anos, em 14/01/06 no Abrigo da FASE

³⁷ Idem

arado, a lavrar a terra, colher, cuidar dos animais; as meninas também a costurar e a cozinhar. As poucas crianças que freqüentavam a escola, mal aprendiam a ler e a escrever. Não se julgava necessário; e era preciso trabalhar logo, auxiliar os pais.³⁸

A necessidade de “trabalhar logo” impedia os filhos de dedicar parte da infância ao estudo na escola. Ao que parece a educação formal não tinha, para o pai do Senhor Manoel, e também para a família que vivia no campo na época, importância para vida dos filhos. O que importava era aprender os saberes da produção de alimentos tais como o manejo da terra e das ferramentas, o cuidar dos animais e outros necessário para a vida. Porém, embora tenha recebido do pai os saberes do trabalho no campo e tenha sido por ele absorvido sem poder ir à escola, o Senhor Manoel usou esse saber para outras ocupações em que trabalhou no decorrer da vida trabalhando na região do Triângulo Mineiro mas, não mais naquela economia familiar do princípio, pois, pode-se notar que ele traz à memória vários lugares, várias ocupações e os padrões que teve:

Ih! Eu trabaiei em muitas coisas. Eu trabaieiô ... eu sô nascido e criado em Araguari. Eu trabaiei cum carroça de aluguel lá na praça e ... eu trabaieiô nu frigorífico e ... e...quando eu morava em Araguari. Antigamente tinha uns japoneis pra cá, tocava lavôra, né? Roça, que naquele tempo falava era roça. Tão tinha muita, assim terreno assim bão de plantá, os japoneis tinha. E eu ia pra lá pra capiná arrois, muito arrois, cê sabe cumé que é, né? Na inchada!. Ficava eu e um colega meu, né? Ficava lá semana intêra, cumia e bibia lá, quando era dia de sábado trabaiaava só da parte da manhã e dispôis ia imbora pra Araguari i segunda-feira tornava pra lá. Também trabaiei no frigorífico aqui im todos dois, o Industrial e o Caiapó. Acho qui num é isso aí mais, né? Acho que não. É, meu cunhado lá im Araguari, ele tinha ... tinha e inda tem lá, só que ele já morreu. Na fazenda tinha fábrica de tijolo, de tijolim. E eu trabaiei pra ele aqui vendeno tijolim, eu era representante lá da firma lá. É então foi essas coisas assim que eu trabaiei.. Esse aqui (mostrando fotografia) é um home que eu trabaiei pra ele no frigorífico. Chama Tarciso. Trabaiei muito im frigorífico. É ... aproveitamento de tripa.³⁹

Ainda rememorando o trabalho que, ao que parece, ele atribui uma importância especial às atividades que realizou e que se tornaram obsoletas na medida em que os instrumentos rústicos foram substituídos e técnicas de trabalho foram sendo modernizadas como ele mesmo percebeu que “agora num usa mais”. Demonstrou muita satisfação em poder me mostrar que seu trabalho ficou registrado não só na memória mas também em

³⁸ MELLO, J.M.C. de e NOVAIS, F.A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna, In: SCHWARCZ, L.M.(org). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo.Companhia das Letras, 1988, p. 576

³⁹ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Manoel, 82 anos, em 14 /01/06 no Abrigo da FASE

fotografias que ele voluntariamente, quis não apenas me mostrar mas também descrever os procedimentos da realização do trabalho no frigorífico onde ele é retratado junto com os colegas e me desafia a identificá-lo no meio deles:

Ah! Num inxergo direito, quiria te mostrá eu aí, dá licença... lá im Araguari... ih! Muitos anos, agora num usa mais. Quando chegô pegô usá ... é frigorífico é chequiada é ... de matá vaca. Aqui ó (mostra na fotografia) a vaca morta aí. Vamo vê se ocê me acha aí. É esse aqui ó, tá com a mão na escadara. Naquele tempo era um farturão que só veno. É, pescoço eles jugava fora com a carne e tudo. Esses aí é tudo aí é que trabaiava dentro do frigorífico. Esse rapaz que tá com a faca na mão é buchero, puxava o buxo pra fora e rasgava o buxo e tirava o istrumo e trazia o buxo sem o istrumo pra dentro pra lavá, pra cozinhá ... e esses ôtro é que tirava o côro, esse que tava com a faca na mão tirava o corô. Eu jugava água na rêis pra lavá. É. Marrava a rêis assim lá no tronco, puxava ela pra tráia, jugava ela na tráia e eu vinha com o bald'água e jugava água nela, lavava ela, pra eles podê tirá o côro. Rasgava o côro.⁴⁰

As lembranças da figura materna são permeadas dos relacionamentos em alguns momentos com os filhos ou com o esposo e ao contrário do pai que exerceu influências sobre o destino dos filhos quanto ao trabalho e educação formal e até mesmo a formação para a vida em que algumas vezes falharam, é lembrada como uma pessoa que amava os filhos demonstrando cuidado com eles e trabalhando no ambiente doméstico do lar ou provendo o sustento da família como uma responsabilidade assumida, uma vez que o marido não cumpriu com sua parte.

Dona Osvalda recorda que a mãe morreu quando ela tinha cerca de dez anos de idade e a falta dela marcou sua vida profundamente ao ter que ir morar com uma família que a criara onde a dona da casa ela considerava sua mãe mas que não lhe deu as orientações de que precisava e ainda traiu sua confiança num momento que precisava de lhe contar um segredo:

Eu... fui uma moça muito boba, assim, que eu num tive quem me orientasse. Desde menina eu ... num podia falá em namorado comigo, sabe? Era assim, né? E eu sem mais nem menos me apaixonei por um moço, né? E ...

⁴⁰ Idem

foi sem motivo nenhum, sem razão nenhuma, sem nem nunca conversar com ele, né?. Mas, eu não falava com ninguém, ninguém sabia, sabe? Da minha boca de maneira nenhuma, né? E ela teve insistindo comigo pra ver se eu soltava alguma coisa, pra ver se eu falava que gostava dele, Mas, que eu nunca falei, né? E ela foi enchendo a cabeça. Depois um dia ela foi perguntô. Eu tava que não agüentava mais ela, também ... ela me perguntou se era. Senhora, Dona Cristiminha... eu nunca falei isso pra ninguém, nunca falei. Mas como? se quem eu tenho como mãe é a senhora, se eu não tenho coragem de falar pra senhora pra quem que eu vou ter? Mas a senhora num fala pra ninguém, não. Num conta pra ninguém! E ela perguntou se eu gostava dele, eu falei que eu gostava, né? Ah! Minina, foi mesmo que eu falasse com ela: vai e conta pra todo mundo ... sabe?⁴¹

Ela se sentiu traída e ficou muito magoada pois não pudera contar com a confiança daquela que ela considerava sua mãe, sentiu-se traída quando pediu sua confiança e ainda conclui que ela nunca se interessou por ela: "Então, a maneira como eu fui tratada e ... aquela mulher ... aquela mulher nunca demonstrou interesse nenhum pela minha pessoa, sabe? Pelo meu futuro ... ela não ... de jeito, de maneira nenhuma."⁴²

Ao que parece, Dona Osvalda tem em mente uma imagem de mãe que seria uma pessoa de confiança e que se importa com os filhos, e, ela reflete sobre as condições que não teve.

Dona Osvalda viveu sua adolescência e juventude de acordo com os costumes da época. Faz referência à falta de orientação para o namoro e ao tratar de assuntos íntimos para os quais não tinha nenhuma orientação e ainda se porventura comentassem algo "indevido" era motivo para que as pessoas que exerciam a autoridade, como mãe e avó, a disciplinassem o que não conferia orientação mas, como ela interpreta, ignorância:

Eu tinha ... sabe aquela coisa assim... que antigamente era rigoroso demais essas coisas não podia falá, né? Não podia falar. Então, se a gente falasse ... falava era assim: por exemplo, uma mulher estava grávida, falava era assim: ih! Fulana tá barriguda! Era motivo deles darem na gente, a mãe, a avó, tia ignorante. Dava um tapa na boca da gente, chama a gente de sem-vergonha, né?⁴³

⁴¹ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, 83 anos, em 05/11/05 no Abrigo da FASE

⁴² Idem

⁴³ Idem

Dona Osvalda analisa que na idade “própria” sentia atração por rapaz mas a falta de orientação também a impediu de “saber namorar” e, para seu constrangimento, o fato de nunca saber namorar e a mobilidade com que levou a vida foram, em algum momento interpretadas, por outras pessoas como inclinação para uma vida de prostituição, do que ela se defende:

É.... intão eu cresci... quer dizer que quando chegou a idade própria eu sentia, né? Desejo, sentia atração por rapaz, mas nunca tinha coragem de olhar para eles ao menos, sabe? Olhava só pelo buraco (ri) Da janela, né mas graças a Deus nunca tive inclinação pra pecá. Graças a Deus nunca tive inclinação. Eles achavam que eu ia me tornar uma pessoa prostituta que eu tava era doida por causa de homem.. Cê sabe como é que é, né? Mas não era isso. Não era nada disso. É porque fiquei pra'qui pra'li sempre tive muito receio assim de homem, sabe?... Pelo que eu nunca sube namorá, nunca sube namorá.⁴⁴

Tudo isso contribuiu para que não se casasse, para que não constituísse uma família e acaba por interpretar, junto com a irmã que, ao contrário dela, se casou, que tudo foi fruto da falta de orientação, mas que casar ou não, não é o que atribui significado à vida e também que costumes na maneira de namorar na época em que ela era jovem e que hoje mudaram são considerados uma “bobagem” como ela conta: “minha irmã na véspera dela morrer ela ainda falô assim ó: cê num casô de bobage e eu casei de bobage (ri). Foi mesmo, sabe? Num tinha corage! Num tinha corage de namorá de jeito nenhum! Nem olhava; olhava pelo buraco da porta (ri).⁴⁵

Este fato em sua narrativa remete ao registro de Ecléa Bosi do depoimento de Dona Alice que também discute os costumes da época em que ela viveu marcada por desinformação e acanhamento:

Depois de cinco meses de casada – e já achei que era muito tempo – comecei a esperar minha primeira filha. No quarto mês de gravidez ainda não sabia como era o parto, como nascia uma criança e perguntei para duas amigas que foram me visitar e que riram muito de mim. As moças eram acanhadas, nunca ouvi meu

⁴⁴ Idem

⁴⁵ Idem

*marido dizer um palavrão em casa (na fábrica não sei). A gestação foi boa, nunca fui ao médico e uma parteira me atendeu.*⁴⁶

Parece que mesmo quem tinha família não recebia com clareza as orientações necessárias para a vida, mesmo aquelas tão naturais e importantes como o nascimento de filhos.

Depois de contar da falta que sentiu pela perda da mãe, as lembranças de Dona Osvalda remetem à fase seguinte de sua vida que recorda como tempo marcado pelos muitos trabalhos que realizou. Aos dez anos de idade foi morar com uma família em Lagoa Formosa, não para ser adotada na família, mas para trabalhar e a partir daí seguiu a vida com mudanças de lugar em busca de emprego, um passado de cujas recordações vale lembrar que, para Ecléa Bosi, ter um passado é um dos direitos da pessoa que resulta de seu enraizamento, o que Dona Osvalda, segundo seus relatos, não teve. O trabalho de Bosi contribui para a compreensão disso ao afirmar que:

*Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.*⁴⁷

Dona Osvalda manifesta esta memória de sacrifício e exploração durante um tempo de mobilidade e trabalho. Em Lagoa Formosa com a família proprietária de uma pensão com a qual foi morar ela trabalhou até aproximadamente vinte e dois anos de idade. O trabalho na pensão exigiu dela muito esforço físico, era ainda criança quando começou a trabalhar e à medida que ia crescendo as atividades que desenvolvia na pensão iam aumentando. Não eram tarefas fáceis numa época em que não havia as facilidades de hoje em dia. Para tanto vale conferir o trabalho de Maria Clara sobre a região do Alto Paranaíba em que ela descreve:

⁴⁶BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.113

⁴⁷Idem p 443

No que se refere às técnicas de processamento e beneficiamento dos grãos e cereais se salienta a importância de instrumentos rústicos e primitivos tais como o monjolo, o forno, os moinhos, os engenhos de cana e os alambiques, que remontam nas suas origens a influências dos índios, africanos e europeus – e foram aqui introduzidos e adaptados de acordo com as necessidades regionais ...⁴⁸

Foi nesta região que Dona Osvalda viveu seus primeiros vinte e dois anos e onde teve sua primeira experiência de trabalho que, na sua narrativa, deixa evidente que não foi fácil e trouxe problemas físicos para ela:

...desde que fui para lá eu peguei no pesado mesmo, né? ...Lá era pensão e... era naquele tipo que chegava era caminhão de milho pra guardá porque eles criava porco e ... o arroz, por exemplo, era limado no pilão, o café... o fogão a lenha, num tinha água encanada, tinha uma cisterna lá e tinha uma bomba, a gente tinha que bater aquela bomba prá enchê a caxa porque lá era pensão, né?E, de modo que eu comecei a trabalhá muito nova, é tanto que esse problema de coluna que eu tenho... minha coluna desviô, sabe? E atingiu todo esse lado meu aqui. O lado direito, o médico até perguntou se eu fiz serviço muito pesado. Criada toda vida muito dura teve a coluna toda emperrada e... foi assim, né?⁴⁹

O estudo de Maria Clara contribui ainda para compreendermos que as tarefas que Dona Osvalda realizava se constituíam em “trabalho duro” pelo esforço para realizá-las que contava só com a força dos braços, não havia máquinas, energia elétrica, água encanada e até as quitandas eram feitas em casa:

Ainda hoje é possível flagrar no campo residências, especialmente nas pequenas propriedades, sem água canalizada, energia elétrica e equipamento sanitário. Os biscoitos e bolos eram preparados em casa, dispostos em peneiras e assados em folhas de bananeiras ou latas folhadas. O forno acoplado ao fogão de lenha só foi usado por volta de 1953. Nos anos 90 ainda é possível ver nas cozinhas rurais o fogão de lenha, em plena atividade ao lado do fogão a gás.⁵⁰

⁴⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: Caminhos Cruzados de um mesmo Tempo – Tese de Doutorado. USP, 1988 p.86

⁴⁹ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, 83 anos, em 05/11/05 no Abrigo da FASE

⁵⁰ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: Caminhos Cruzados de um mesmo Tempo – Tese de Doutorado. USP, 1988 p.87,89

A falta de tudo isso exigiu de Dona Osvalda, desde muito cedo na sua vida, um trabalho que estava para além de sua capacidade física se pensarmos no desgaste que sofreu para cumprir as tarefas que mantinham a pensão em funcionamento:

Depois com catorze anos eu já era cozinheira da pensão. Cozinhava pra muita gente, né? Por exemplo não tinha... lá num tinha padaria ... a quitanda que comia ali, naquele tempo era tudo feito em casa, sabe? Num tinha pão, né? Então dava prus hóspedes era quitanda feita em casa e ... muito nova eu já comecei a fazer aquilo com meus braços. ... Fui criada mesmo pra serviço, sabe? Eu falo é regime mesmo de escravidão, sabe? Porque eu num tinha ordenado, né? ... não ganhava nada, né? Nem rôpa direito assim eu num tinha. Por exemplo, lá era aquela loja assim ... que agora pode falá, loja da bagunça. Tinha de tudo, vendia de tudo naquela loja, cê sabe, né? E ... e eu, por exemplo, eu num tinha um chinelinho pra eu andar de manhã. Mas então eu considero regime de escravidão, não é verdade?⁵¹

Embora não tivesse salário ela ficou lá por muitos anos e ao recordar ela interpreta que prestou serviço escravo. A forma como conseguia alguma coisa de uso pessoal, ela explica :

Foi assim. Num tinha uma rôpa direito, né? Nada, nada. Às vezes até os hóspedes que ficavam lá ... lembro de um que ficô ... um engenheiro que tava arrumando a água lá, quando eles foram embora ... a mulher dele pôs um dinheiro assim na minha mão, sabe? Veio com a mão fechada pôs um dinheiro na mão. Um outro senhor comprou um tecido lá na loja, que lá tinha tecido também, né? Comprô o tecido e ... me deu pra fazer um vestido ... cê vê que eles tinham pena de mim, né? Os hóspedes, né? Foi assim. A gente num gosta de lembrá não, sabe? É muito triste, né?⁵²

Perguntada se ao completar vinte e dois anos de idade saiu da pensão, ela conta que sim e que não houve nenhuma consideração por ela, não valorizaram o trabalho prestado por vários anos, nem foi considerada da família. Era sempre mandada embora e ainda permanecia lá, mas a decisão de sair foi dela quando, ao ser mais uma vez mandada embora, a dona da pensão acrescentou: “ajunta sua trôxa, vai embora”.

⁵¹ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, 83 anos, em 05 /11/05 no Abrigo da FASE

⁵² Idem

Sai de lá duma maneira muito triste, sabe? ... ela falô...ajunta sua trôxa e vai embora. Mas isso eles me tocava sempre, qualqué coisa começava a discuti, era uma revolta tremenda que a gente tinha, né? Eles me tocava... mas desta vez ela falô assim: ajunta sua trôxa, vai embora. Eu sai fui lá na casa da sobrinha dela, falei com ela: Carminda eu vou embora. Ela falô assim: vai mesmo, cê vai embora mesmo. Eu vô lá ajudá ocê arrumá suas coisas, porque cê num tem nada, num pode falá que ocê num tem nada. Mas eu num tinha mesmo, né? Era uma troxinha mesmo, sabe? Mas, eles ficaram com vergonha de eu sair com uma troxinha debaixo do braço, então, aí me emprestou uma mala mas, depois, mandou falá que devolvesse a mala.⁵³

Ao que parece, neste momento, que ela recorda com muita mágoa, tomou consciência de que o trabalho que realizava além de ser interpretado como trabalho escravo, nada lhe conferia. Tomou consciência de que tudo que conseguiu em anos de trabalho não passou de uma “trouxinha” e que ainda socialmente constituía motivo de “vergonha” para a dona da pensão se tornasse conhecido quando ela saísse de lá e foi então que uma sobrinha da dona da pensão cuidou de ocultar isto e providenciar uma mala para a saída que deveria ser depois devolvida.

Para outro entrevistado, o Senhor Antônio, além de recordar que a mãe era quem cuidava do pai doente, lembra-se de que ela viveu mais tempo do que o pai, desta maneira ele desfrutou do convívio dela mais do que do pai. Ficou na memória as recordações dela em relação a ele mesmo, de que foi o filho que cuidou da mãe que ficara viúva e idosa e em quem ela tinha confiança apesar de ter outro filhos:

Minha mãe viveu mais tempo que meu pai. Mamãe viveu no Araguaia muito tempo cum nóis. Aí uma fia dela que morava aqui no Uberlândia falô: Mamãe, ô mãe vamo passia no Uberlândia. Falô não, eu tô véia, eu vô mais, se eu fô eu vô mais o Toim, que é eu, né? Ela tinha confiança comigo, que eu era o caçula dela, né? Toda coisa era eu. Agora que ela morreu tem uns quarenta anos! Mãe chamava Olímpia.⁵⁴

Embora haja um grande espaço de tempo entre a morte da mãe e o momento da entrevista a figura a mãe é descrita como uma pessoa que prestou auxílio ao marido doente

⁵³ Idem

⁵⁴ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Antônio Silva, 74 anos, em 14 /01/06 no Abrigo da FASE

e que após a morte deste ela passou a viver na companhia dos filhos e parece ter se ligado mais afetivamente ao Senhor Antônio, ele explica este fato por ser ele o caçula. Talvez por isso foi o filho com quem ela conviveu por mais tempo uma vez que os filhos mais velhos foram se casando e constituindo suas próprias famílias. Parece natural que estando velha, como ele relata, sentisse segurança na companhia do filho caçula até mesmo para visitar a filha pois para isto teria que viajar.

Para o terceiro entrevistado, Senhor Manoel, a vida é marcada por alegrias e tristezas. Estas fizeram parte da sua trajetória. Primeiramente experimentou a alegria. Ao que parece o tempo de alegria foi o tempo do trabalho, do convívio com a família, dos namoros, pois, como ele mesmo diz, “agora é só tristeza”. O presente para ele está marcado pelas perdas dos pais, das irmãs e também da saúde e da autonomia.

A vida que eu tinha antigamente, tinha uma certa alegria na vida, né? Agora é só tristeza e eu num tem ânimo assim de vivê, num tem alegria. Tudo desse jeito. E é ingraçado eu era minino, a minha mãe cramava o que ela tava sintino na vida, do jeitinho que ela cramava pra nós eu tô sintino, eu tô sintino. Ela chegava na porta da cozinha, que foi criada numa chacinha, sabe? Ela chegava na porta e falava assim: mais tô achano o dia hoje triste! Eu pensava cumigo assim: uai, o dia é tudo é uma coisa só; agora hoje eu sei contá. Ela pedia até pra morrê.⁵⁵

A memória que o Senhor Manoel tem da mãe se refere a sentimentos que manifestava para os filhos, uma tristeza que na época ele não podia compreender. Ele usa este fato na vida dela relacionando-o com sua própria vida agora. Aí ele revela que não tem mais a alegria que tinha na vida antigamente e não tem mais ânimo de viver e o que tem agora é só tristeza. Ele afirma assim que foi preciso passar pela mesma experiência da mãe para que pudesse compreender o sentimento que ela expressava quando ele ainda era “menino”. Ele traz na memória também o fim da vida de sua mãe. Ficou dependente dos cuidados de outras pessoas e ele concordou que o “zelar” dela fosse prestado pela sua companheira:

Essa aqui⁵⁶ lá em Araguari eu morei qüela, a minha mãe morreu na casa dela. É era pertim de casa. Aí ela falô pra levá ela pra lá. A minha mãe

⁵⁵ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Manoel Matos, 82 anos, em 14/01/06 no Abrigo da FASE.

⁵⁶ Seu Manoel levou algumas fotografias para o Abrigo que guarda com todo cuidado, bem embrulhadas. São muito antigas e um pouco desgastadas mas ele demonstra que as considera uma preciosidade. Numa delas me mostrou a Nilze ao comentar o cuidado dela com sua mãe.

num gostava de rolo qüela não. Aí minha mãe foi, perguntei se ela quiria í, levô lá pra casa dela pra zelá dela, chamava Nilze.⁵⁷

Talvez, por ser filho homem, não foi ele quem pessoalmente cuidou da mãe no fim da sua vida, transferiu esse cuidado de “zelar” dela para a sua companheira Nilze. Ela retribuiu o cuidado recebido reivindicando a consideração do filho para com a Nilze isto pode ser visto na sua narrativa ao dizer que sua mãe não admitia “rolo” com ela.

Nas lembranças outros fatos são mencionados fazendo alusão a acontecimentos que se deram na trajetória de suas vidas relacionados a outros membros da família. Parentes que ajudaram ou ainda ajudam, cuidam, dão atenção. Atribuem aos sobrinhos um cuidado que num dado momento salvou a suas vidas ou são lembrados porque, agora que estão no Abrigo, se mantêm distantes mesmo podendo ajudar. Nos momentos em que surgiram dificuldades, estando já idosos, foram estes parentes em graus de afinidade mais distantes que prestaram o auxílio de que precisavam ou ainda os conduziram para o Abrigo.

Dona Osvalda menciona uma tia que foi um ponto de referência e apoio num momento em que deixa a pensão onde passou muitos anos e de onde sai sem levar nada, mandada embora com sua trouxinha, ela conta que foi para Carmo do Paranaíba:

Aí o filho... o enteado dela, que era marido dessa sobrinha dela, foi me levá lá ... lá no Carmo. Aí eu fiquei lá, lá na minha tia que trabalhava lá com o Reverendo Estevão, né? Eu fui pra lá sem rumo, sem perguntá se podia, nem nada, até arrumá emprego, aí fiquei de casa em casa, de casa em casa; ia pruma casa num dava certo, ia pra outra num dava certo.⁵⁸

A tia de Dona Osvalda foi a pessoa que ela teve por referência embora na sua narrativa diz ter ido para Carmo do Paranaíba “sem rumo”, o que fica evidente é que saiu da pensão com destino determinado para chegar até conseguir emprego. Para dar prosseguimento à vida, depois de ter sido mandada embora da pensão onde viveu e trabalhou até aquele momento, sem ter casa própria ou família para onde retornar, foi procurar emprego doméstico. Talvez, além de ser o único trabalho que sabia fazer, embora,

⁵⁷ Idem

⁵⁸ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, 83 anos, em 05/11/05 no Abrigo da FASE

como menciona mais adiante em sua entrevista, tivesse muita vontade de aprender a costurar, um emprego doméstico poderia lhe conferir também a moradia necessária. Ficou com a tia na casa onde esta era empregada até arrumar seu próprio emprego, o que não foi fácil pois teve algumas experiências negativas ao ficar de casa em casa.

Ao falar dos irmãos o fato mais acentuado é o de que foram separados:

... a gente num gosta de lembrá não ,sabe? É muito triste, né? Muito triste... que fiquei sem pai, sem mãe, né? Esparramô tudo... cada um foi prum lado... Quantos irmãos?(ela repete a pergunta que lhe fiz) ... nós... eram cinco. e cada um sofreu mais do que o outro, viu? Nas casas dos ôtros assim.. num teve... num foi assim criado pra... pra ser gente mais tarde, né? Cê compreende, né? Pros ôtros⁵⁹.

Separados desde que ficaram órfãos, um não podia ajudar o outro pois não tinham casa própria, viviam em casa de outras pessoas e, como ela, todos foram criados para o trabalho. Pelo que ela relata essas famílias que os acolheram desfrutavam de seu trabalho sem integrá-los como membros da família e, também, quando ela diz que “num foi assim criado pra ser gente mais tarde” se refira ao fato de não os encaminharem nem a escola nem para uma formação profissional que não a da lide doméstica.

Viveram separados mas se encontraram quando mais velhos e Dona Osvalda não se esqueceu dos laços familiares que os uniam. Ela teve oportunidade, embora doente, de cuidar de dois deles. Eram cinco irmãos. Ela cuidou da Maria que veio a falecer no Abrigo da FASE, de outra irmã que era casada mas o marido dela era cego e também carente de cuidados, e essa irmã morreu antes da Maria. Há um irmão que ela não falou nele em nenhum momento, talvez porque como ela mesma dizia “é muito comprido, não dá pra falar tudo”, mas contou que mora em São Paulo. Muito interessante foi o encontro que teve com esse irmão, único ainda vivo:

Depois foi assim, né? Trabalhá com dificuldade, eu aprendi a costurá, já costurei muito prá fora. E... fui morei em São Paulo 17 anos e 7 meses. Fui prá lá porque

⁵⁹ Idem

*tava muito doente... acabei fiquei morando lá. Lá teve uma história muito triste com um irmão que apareceu milagrosamente...*⁶⁰

Em São Paulo, morando por tantos anos o que poderia ser a melhor coisa da sua vida acabou se tornando um tormento a mais. Encontrou um de seus irmãos que ela diz ter sido de maneira milagrosa porque em São Paulo, mesmo tendo endereço, é muito difícil encontrar as pessoas quanto mais seu irmão que estava desaparecido, sem dar notícias havia mais de doze anos, que ela não esperava encontrar assim numa cidade tão grande. Uma sobrinha se encontrou com ele ao sair para passear com uma amiga e o encontrando ela disse: nossa como é que parece com meu tio! E conversando e perguntando pelas origens dele e pela família chegou a conclusão de que era seu tio. Ele viveu em Goiás por algum tempo antes de ir para São Paulo. Era o caçula dos irmãos e ela diz que foi o que mais sofreu quando a mãe morreu porque era muito pequeno e ninguém o queria. Agora adulto, não se casara mas vivia com uma mulher que tinha um filho, não dele. Essa mulher o humilhava muito. Ele foi ajudado por Dona Osvalda mas ele transferiu o problema dele para ela. Fazia com ela o que os outros faziam com ele:

*... ele queria que se um dia ele viesse encontrá a família era podre de rico. Porque foi tratado dessa maneira, né? Então ele queria encontrá a família podre de rico aí fazia festa pra um, festa pra outro. E foi o contrário. Parecia que ele tinha vindo da sarjeta. Ah! Aquilo pra ele foi a maior decepção. Então sabe o que ele fez? Ele transferiu o problema dele pra mim. Oh! Toda humilhação que eu sofri, todo desprezo, e eu sendo a maior bênção na vida dele, lavando, cuidando dele: ele fazia, fez tudo, tudo, pra convencer, se fosse possível, São Paulo inteiro que eu num valia nada pra ele, que eu era um traste... ele queria fazê a vida nas minhas costas, sabe? E eu custurava, né? Mas eu doente daquele jeito! Porque eu fui pra lá por causa disso... fui porque eu tava muito duente. Aí ele, não! Cê precisa de vê! Era aquela cruz, aquela cruz, o tanto que ele pôde me humilhá. Tratava com aquele desprezo!*⁶¹

Conquanto Dona Osvalda faça uma narração de toda a sua vida desde a infância, é possível perceber que ela enfatiza que não criou raízes em seu lugar de origem mas movimentou-se por diversos lugares em busca de emprego, do aprendizado de uma profissão ou de tratamento de suas enfermidades. É a situação de mobilidade que pessoas

⁶⁰ Idem

⁶¹ Idem

pobres ainda hoje têm que enfrentar em nosso país indo de um lado para outro em busca de melhores condições de vida para si e para sua família. Não raro se dirigem para os grandes centros na tentativa de uma vida melhor e na maioria das vezes passam a viver nas periferias das cidades e às vezes até em piores condições.

Ainda que tenha sido muito maltratada pelo irmão ela reconhece nele traços morais presentes na sociedade com respeito ao trabalho. Aqui vale lembrar o que diz Maria Stella ao falar da sociedade do trabalho quando cita as transições teóricas pelas quais passou o trabalho, de como a representação do trabalho fez dele, com Locke a razão dos homens se constituírem em sociedade para preservar seus frutos, com Smith como potência ilimitada criadora de riquezas e a divisão do trabalho para com Marx, quando o trabalho potencializado pela sua condição coletiva e pela introdução da máquina se torna o símbolo da aposta humana numa possível superação do reino da necessidade, para então concluir que: “Nesse momento, o mundo dos homens já passara a significar sociedade do trabalho e nela lugar algum havia para aqueles que se mantivessem fora do trabalho”.⁶²

Quem não se enquadrava na sociedade do trabalho era considerado vagabundo e no século XVII o destino destes era a casa de correção ou de trabalho onde passavam por uma transformação de vagabundos em trabalhadores. Dona Osvalda ao falar do irmão é enfática em afirmar que ele não era vagabundo, era trabalhador. Dá importância a isto ao dizer que: “Ele num era prigueiro, nós num somos de família de gente assim, viu? Ele trabalhava, ele aprendeu o ofício de pedreiro, tanto que ele é pedreiro.”⁶³

Mesmo que a tivesse maltratado quando ela se dispôs a cuidar dele, lembra que é trabalhador que veio de uma família trabalhadora, que tem uma profissão. O trabalho é um referencial que identifica sua família não só porque foram criados para o trabalho, como ela interpreta o passado, mas, vivendo numa sociedade que é do trabalho, seu irmão, que tanto sofreu pelo mundo, tem uma profissão, não se tornou um vagabundo o que é confirmado, segundo ela, por ter aprendido o ofício de pedreiro.

É interessante notar em sua fala a mudança de significado do trabalho na vida dela e de seus irmãos. Num primeiro momento era sinônimo de escravidão e muito sofrimento quando a vida se constituía em trabalhar demais, não ter pagamento e trazendo prejuízos

⁶² BRECIANE, Maria Stella Martins. *Lógica e Dissonância Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 6, n° 11, set/1985-fev/1986, p.13

⁶³ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, 83 anos, em 05/11/05 no Abrigo da FASE

para a saúde do corpo. E, num segundo momento, o trabalho é visto como algo que dignifica a pessoa. Ela faz questão de ressaltar que ser trabalhador é um atributo que honra a sua família.

Agora ela já não se preocupa com as necessidades do irmão pois ele tem casa e família para cuidar, logo, tem família para cuidar dele. Também ela não contou se ele a visita no Abrigo. Ela permanece vivendo como interna e com a saúde debilitada, já não consegue mais sair e também não conta com familiares que a visitem com frequência:

Tenho quatro sobrinhas. Às vezes elas vem me visitá. Às vezes. Minha irmã criou uma menina chamada Maria Abadia, mulher do Gilberto, mora lá no Santa Mônica. De vez em quando ela que vem. Eu saía bastante, ia na casa do povo, chegava lá. Agora num dô conta mais.⁶⁴

Sem pai, sem mãe, sem ter tido filhos, Dona Osvalda permanece no abrigo onde tem o seu cantinho separado, sua casinha que nunca conseguiu ter como trabalhadora. Tem uma situação privilegiada dentro do Abrigo, pois, mora separada dos demais internos. Aqueles que se encontram com a saúde mais debilitada e são dependentes de cuidados pessoais ficam no prédio principal em quartos para duas ou quatro pessoas. Neste prédio ficam também a cozinha, o refeitório, a sala de recepção, um pequeno escritório da coordenação e um espaço com televisão para uso dos internos. Ao lado foi construída uma ampla área aberta e coberta onde ficam várias cadeira e poltronas à disposição dos internos e, ligados a esta área, há mais quartos que acomodam aqueles em melhores condições de saúde que não necessitam de ajuda para sua higiene pessoal. E, separado, ao fundo do pátio, está o espaço de Dona Osvalda que ela chama de minha casinha. Tem uma pequena cozinha, um quarto e banheiro. As refeições ela faz junto com os demais internos, mas mora sozinha nesta casa.

Ainda sobre os laços de família o Senhor Antônio conta dos sobrinhos que tem, mas um empréstimo em dinheiro que fez a um deles criou um distanciamento entre os dois:

Aqui emprestei dois mile reais prum subrim meu, sumiu. Ele falô ti Toim, me empresta um dinheiro prá mim ti Toim, tô disimpregado, eu pago o senhor o

⁶⁴ Idem

juro que tivé correno. Se ele fô pagá o juro vai dá uns sete ô oito mile reais. Ele num paga nem o principal, quer dizê. Nem aqui num qué vim não....Eu tenho dois mile reais prá recebê desse minino aí. Ela⁶⁵ já telefonô prá ele, ele fala ah! Num tem tempo hoje, tal dia eu vô. Fica inrolano. Ela vai mandando telefone. Aí ela falô que tá com dias que num vem, mas vai telefoná prá ele travêis até vim. Se ele num vié ela vai pô um Promotor nas costas dele.⁶⁶

De acordo com a historia que conta, o Senhor Antônio vendeu bens que possuía e gastou boa parte do resultado com o tratamento de sua saúde. Mas, também, sofreu prejuízo ao usar parte do dinheiro para socorrer um sobrinho que na época estava desempregado e prometeu pagar com juros mas que até ao dia desta entrevista não havia cumprido a promessa. Este fato causou uma separação entre os dois, pois, como ele relata “nem aqui num qué vim não”. O número de familiares com quem ainda tem algum contato já reduzido é ainda diminuído por um problema relacionado ao dinheiro emprestado que constrange o devedor de visitar seu tio. Isto contribui ainda mais para o isolamento a que está submetido. Ele tem uma irmã que mora em Uberlândia com quem trocava visitas depois de ter ido para o Abrigo, mas dependia de ajuda para sair com se pode notar quando em sua fala de um tempo em que havia quem o levasse:

Cê lembra do Senhor Jorge? É, o aniversário dele foi dia 13. Bãozinho que ele era! Nossa, Dona! ... Tudo que pedia prá ele, ele pronto! Falava: Senhor Jorge o senhor pode levá eu na casa da minha irmã prá eu passá o dia todo lá? Posso Toim, eu levo ocê, te largo lá e ... às cinco horas eu vem te buscá. Eu ia muito de carro com o Senhor Jorge lá na minha irmã, agora ele saiu daqui num tem quem leva. Tem a Coordenadora ela também num leva porque num tem tempo. Mas, tudo bem.⁶⁷

Hoje, no abrigo não tem familiares que o visitem. A irmã está doente, com câncer e não pode nem mais visitá-lo como fazia. Tem muitos sobrinhos, um que é funcionário do Banco do Brasil, outro que é advogado em Guarulhos-SP que já o visitaram uma vez. de

⁶⁵ Refere-se à Denise, coordenadora do Abrigo.

⁶⁶ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Antônio, 74 anos, em 14/01/06 no Abrigo da FASE

⁶⁷ Idem

passagem. Afirma que eles são pessoas de boas condições financeiras e portanto teriam condição de ampará-lo, no entanto, não cobra responsabilidade deles para consigo.

O Senhor Antônio se casou e teve uma filha que o visitou no Abrigo apenas uma vez e, ao que parece, mantém-se distante pois não cresceu no convívio com o pai porque este não viveu muito tempo com a família, se separou da esposa. Ele defende a “moral” da esposa e assume que quem errou para causar esta separação foi ele mesmo:

Minha muié mora em Jataí. Eu larguei dela por causa de ôtra muié. Ela falô: Toim, Toim eu largô doce, fôí ... e eu já tava gostando da ôtra, né? Eu larguei dela. Tenho só a Tânia de filha. Já tá grande, já casô, já sô até avô. Tenho só ela de filha, nós viveu pôcos tempos. Eu virei a cabeça logo. Mais ela (esposa) é direita viu Dona? Muito direita. Nós cabô porque eu larguei. Eu tinha um minino, chamava Adão da minha ôtra, a segunda muié... era mecânico de moto, mecânico de carro, inteligente! Morreu de moto... chamava Adão da Silva.⁶⁸

Pela história de vida que conta, o Senhor Antônio parece não aprovar a atitude que ele mesmo tomou de “largar” da esposa, pois afirma que estava gostando de outra mulher mas que isto aconteceu porque, como ele afirma, “eu virei a cabeça logo”. Ele evidencia que agora na velhice reflete sobre seu passado, da família que constituiu e pouco tempo depois deixou. Também fala da ex-esposa como se ainda se pertencessem ao se referir a ela dizendo “minha muié”. Também porque não menciona sequer o nome da segunda mulher, pode-se deduzir que ela não tem, na sua memória, a importância da primeira, senão que teve um filho que chegou até à idade de ter uma profissão o que, demonstrava ser inteligente, mas morreu.

Embora estar morando no Abrigo requeira submeter-se a regras para o bom andamento da casa, é permitido aos internos sair. Desta maneira é que relatam que saiam para visitar seus familiares mas, à medida que foram ficando dependentes da companhia de alguém para estas saídas, foram deixando de sair. Mesmo assim há relatos de saírem para ir à Igreja a que pertencem e até mesmo passear pela cidade.

⁶⁸ Idem

Tanto para Dona Osvalda quanto para Senhor Antônio a troca de Coordenadores é sentida e considerada discretamente. Para Dona Osvalda o Senhor Jorge foi o pai que nunca teve antes. Foi muito bom para ela. Dá-se muito bem com a Denise porque ela também é muito boa para os internos. Enquanto um foi bom para ela a outra é boa para os internos. Para o Senhor Antônio, o Senhor Jorge era quem o atendia nas suas necessidades de locomoção. A Denise é muito boa. Ela não tem tempo para levá-lo aos lugares, mas, como ele mesmo diz, “tudo bem”. A diferença que eles demonstram ao lamentar a saída do Senhor Jorge é que ele era particularmente bom para eles, sentiram que ele se preocupava com suas necessidades pessoais. Vivendo num ambiente novo, diferente do convívio que tinham com suas próprias famílias, vão estabelecendo relações com as pessoas que ali trabalham e sentindo-se por eles cuidados como em uma família. Em contrapartida, na tentativa de atender às necessidades dos internos os coordenadores extrapolam as relações de simples coordenadores e às vezes fazem além do que seriam suas funções, pois, cuidam de transportá-los quando solicitados. Ao serem atendidos nessas necessidades particulares os internos sentem serem tratados como filhos e com bondade em ajudá-los.

O Senhor Manoel teve uma trajetória de vida diferente do senhor Antônio, não se casou quando jovem. Pelo que se percebe em sua narrativa não foi por falta de oportunidades, pois teve várias namoradas. Nas fotografias que guarda estão retratadas, além do seu trabalho e de sua família, algumas namoradas que teve que fez questão de mostrar e comentar algo relativo a elas.

Irmão home é só um, ele sumiu, já morreu é... fraco da cabeça. Seis mulher e dois home, e tudo já morreu, eu num achava que eu ia sê o último. Eu tenho até retrato de duas irmãs minha que morreu. Então a vida da gente transforma dum jeito difícil, né? ... Essa aqui é uma moça lá de Uberaba, foi minha namorada lá. Eu vim embora, eu tava no Uberaba trabalhando lá no frigorífico. Ai trabaiei uns tempo e quando eu vim embora ela queria vim embora cumigo... Essa aqui foi lá do Uberaba foi minha namorada também ... Essa aqui lá em Araguari eu morei quela, a minha mãe morreu na casa dela. Essa aqui é lá de Araguari foi namorada também.⁶⁹

⁶⁹ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Manoel Matos, 82 anos, em 14/01/06 no Abrigo da FASE

Uma família constituída por oito irmãos dos quais só ele ainda vive, ao recordar, observa que a transformação, pela qual passou sua vida com o falecimento de toda sua família, tornou-a difícil pois não imaginava que ele seria o último a morrer. Talvez esta situação de não ter mais família contribua para sentir só tristeza como contou anteriormente. Mas, sem se deter muito ele prosseguiu me mostrando e comentando das namoradas que teve que apesar de manifestarem o desejo de acompanhá-lo, de seguir a vida com ele, ao que parece ele não correspondeu e apenas a que cuidou de sua mãe parece ter sido a única com quem ele teve um relacionamento mais estável e que envolveu convivência com sua própria família. Visto que não se casou quando jovem, por fim se casou com a última mulher com quem conta que viveu. Pela sua narrativa foi um casamento diferente que ele qualifica de “esquisito”, porque mesmo depois de velho ele não mudou os seus relacionamentos, sempre sem o compromisso de um casamento formal:

Vô te contá o meu casamento, um rolo, uma coisa isquisita. Eu casei tem mais uns ... pode tê uns dois anos. Siguínte: eu morava sozinho e solteiro, né? Aqui, que eu vim pra cá trabaia e fui ficando aqui mais de cinquenta ano. E eu... é... me de rolo com uma muié ... ela mais nova do que i eu, ela ... aí eu pensei assim... aí ela passô a morá cumigo. Aí eu pensei assim eu sô solteiro e tenho a minha aposentadoria, se eu morrê o governo vai ficá com a aposentadoria, e nós tava combinano muito, né? Morava junto ... eu vô casá com ela. Aí propus ela casá com ela tem uns dois anos.⁷⁰

Sem esposa, para quem pudesse deixar pensão decorrente de sua aposentadoria quando viesse a falecer, cedeu à idéia de que seria mais justo beneficiar alguém com quem estava convivendo e “combinando” o que seria garantido com o casamento formal e foi o que fez. Moravam juntos até que ele precisou ser hospitalizado e quando recebeu alta foi para o Asilo e diz não ter mais condição de voltar a viver com ela. Ela voltou pra sua família enquanto ele, ajudado por uma sobrinha, teve por destino o Abrigo da FASE:

Eu na Medicina me dero alta, tem uma subrinha é que me olha, sabe? Se num fosse a subrinha aí pra me oiá eu tinha murrído. A minha subrinha arrumô pra mim aqui, pra mim vim pra cá... é. Aqui faz tratamento, né? Eu vim numa fraqueza medonha,

⁷⁰ Idem

*pra andá assim tinha que mi sigurá, e eu sofro uma tontera do labirinto, pioró ainda. Quando eu vim pra cá eu tava andano até na cadera de roda, aí o filho dela levô ela lá pra essa casinha lá e minha subrinha arrrumô pra mim ficá aqui, e eu num fui pra lá nem num vô porque num dá certo eu morá quela e tem que pagá água, pagá luz,, tudo, né? E num dá certo. Intão agora ela tá pra lá e eu vô ficá aqui pois num posso vivê quela, num tem cundição de vivê quela e ela num zela de mim também.*⁷¹

Um casamento na velhice não constituiu solução para ele mesmo, pois, chegou a uma situação em que precisava de quem cuidasse dele e o destino foi o Abrigo onde ele me contou que ficou escondido da esposa por algum tempo porque ela queria dinheiro, mas ele diz que não pode dar dinheiro para ela agora porque precisa de tratamento médico. Se voltasse a morar com ela teria despesas com a conta de água, de luz e aluguel. Ele conclui que não pode mesmo voltar a morar com ela, pelo menos até ver como vai ficar sua situação, se vai precisar continuar no Abrigo ou se, recuperada sua saúde, poderá voltar a viver fora de lá o que, por enquanto, não é possível não só devido às despesas que terá com a moradia mas também porque é depende de uma companhia como expôs ao ser perguntado se sai do Abrigo para alguma visita ou passeio: “sai nada. Eu pra saí tem que chamá minha subrinha pra me levá, que tem carro, vai lá na Vila Martins. Eu pidindo ela leva”.⁷²

Além da família e do trabalho é lembrado, na trajetória de vida, o tempo da escola que foi breve. Dona Osvalda que se ocupou em trabalhar demais contou apenas que estudou até à segunda série apenas. Nas visitas de pesquisa que fiz ao Abrigo sempre a encontrei lendo e disse que é o que gosta de fazer.

O Senhor Antônio foi mais minucioso ao falar da escola. Ele compara sua saúde com outras pessoas que também sofreram derrame como ele e considera que está muito melhor:

*Isso aqui (mostra o braço sem movimento) é dureza. Eu pelejo, tá custoso. Quando eu lembro de outro assim que tá pió que eu, falo: o quê? Eu tô é bão! Eu faço, tudo que eu faço eu alembro de tudo, se a senhora falá alguma coisa pra mim ... quando eu vi a senhora, falei: Ah! Essa muié teve aqui. Se fosse ôtru: Ah! Não, num cunheço não!*⁷³

⁷¹ Idem

⁷² Idem

⁷³ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Antônio, 74 anos, em 14/01/06 no Abrigo da FASE

As professoras da escola são lembradas para afirmar que tem boa memória: pois é capaz de lembrar das que foram suas professoras e citar seus nomes e algum fato que lhes sucedeu como se pode notar na sua narrativa:

Estudei até quarta série. Minhas professora já morreu muito tempo: Lionice Andrade, Inucência Arantes, Leontina Arantes, Maria Pinto, Dona Margarida morreu na mesa, deu acesso. Eu tinha uns onze ano, eu lembro de tudo. Memo que eu tá veno, nossa senhora! Nós ia muito em pic-nic. Três légua de a pé que é tudo juizada. Um levava o prato, ôtro levava arrois, levava carne pra fazê, chegava lá nós ia cumê, escutá o barulhim do monjolo tocá, é coisa boa, né? E... senhora sabe? Tempo antigo era muito mais mió, icha!⁷⁴

O tempo da escola é rememorado como algo mais do que estudar em sala de aula, foi também um tempo de sociabilidade e recreação em contato com a natureza e o som do “monjolo”. Traz lembranças que ele considera “coisa boa” dos momentos em que freqüentou a escola.

O Senhor Manoel, como já mencionado quando fala do pai, estudou pouco. Não lê quase nada, escreve muito pouco, o que aprendeu serve apenas para o mais básico como por exemplo, assinar um documento. O pai não deixou os filhos estudar pois tinham que trabalhar e assim passou a vida sem estudar.

A trajetória de trabalho para estes internos parece ter findado não só porque estão aposentados mas também impossibilitados pela doença. A trajetória de vida, porém, continua. Diferente da vida que levavam antes da institucionalização, porém ainda encontram algum motivo para dizer que “o Abrigo é bom”, se referem assim não à vida que levam lá dentro mas ao que o Abrigo lhes oferece:

Ih! Gosto Dimais! Aqui tem tudo. Tudo que precisa tem. Tem di tudo que pedi aí, prá gente tem.⁷⁵

Eu sinto que estou no lugar que Deus preparou pra mim.⁷⁶

⁷⁴ Idem

⁷⁵ Idem

⁷⁶ Entrevista concedida à autora por Dona Osvalda, 83 anos, em 05/11/05 no Abrigo da FASE

Porque aqui é muito bom, trata a gente direitinho e tudo. Mas o que a gente sente muito é que num tá na casa da gente, eles é que chofera a gente, sabe?

No abrigo dizem ter encontrado tudo que precisavam, tratamento médico, alimentação e moradia, o suprimento de suas necessidades mais básicas que não puderam suprir completamente durante a trajetória de vida e trabalho ou, se em algum momento conseguiram vieram a perder na busca pela recuperação da saúde.

O Abrigo é bom no sentido de suprir necessidades que não encontraram em outro lugar mas em contrapartida, como narra o Senhor Manoel “é eles que chofera a gente”. Como interno ele se submete às normas mas diz que “sente muito” não estar em sua própria casa e poder dirigir a própria vida, pois ali perdeu a sua autonomia.

⁷⁷ Entrevista concedida à autora pelo Senhor Manoel Matos, 82 anos, em 14/01/06 no Abrigo da FASE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema escolhido para esta monografia permitia um número variado de possibilidades de pesquisa. O que procurei fazer foi uma análise do processo de construção do Abrigo da FASE a partir do levantamento da sua história contida na documentação da Fundação que foi constituída com a finalidade de construir um local apropriado para acolher pessoas idosas carentes. Contribuíram também para conhecer sua história, as entrevistas feitas com pessoas que administram a FASE e o Abrigo e participaram de todo o processo de sua construção. Como não faria sentido reconstruir apenas o histórico da casa, também analisei a trajetória de vida de pessoas que são a razão de ser do Abrigo, seus internos, desde antes da institucionalização, resgatando suas experiências de vida utilizando, para isto, como recurso, as entrevistas onde os internos puderam puxar pela memória o seu o passado e expressar suas interpretações dos fatos mais relevantes que julgaram importante narrar sobre suas experiências, especialmente com a família e com o trabalho.

Numa sociedade, como a nossa, onde há tantos excluídos, as instituições asilares são, muitas vezes, a única opção para o idoso pobre ou para sua família que não pode ou não quer mais arcar com os cuidados de que precisa. Há pessoas que manifestam satisfação por estar vivendo ali, outras nunca gostariam de ter o asilo como destino para viver a última etapa de sua vida. Procurar conhecer essas pessoas e sua versão de como vieram a ser institucionalizadas, o que aconteceu em seu passado que tornou necessária essa mudança, foi minha preocupação ao fazer a pesquisa.

O tema é muito vasto e não tive a intenção de esgotá-lo, mas oferecer explicações para compreensão do processo de construção do Abrigo e das experiências de vida de pessoas internas.

Muitos trabalhos já foram e muitos outros ainda poderão ser escritos dentro do tema, pois, há muito que compreender do universo de pessoas idosas simples e, na maioria das vezes, pobres. Esta monografia, portanto, é mais um dentre tantos que procuraram escrever a história de pessoas que vivem exilados da sociedade e asilados em abrigos onde encontraram moradia e alimentação, entre outros, mas que estão destituídos de sua autonomia, vivendo sem expectativa de serem reintegrados à sociedade.

Às vezes, tudo que possuem lá dentro é muito mais do que tudo que conseguiriam ter fora de lá. Por isso o papel social desempenhado pelas instituições asilares se reveste de importância na sociedade brasileira.

Este trabalho monográfico me permitiu conhecer um pouco sobre a vida de pessoas que tiveram uma trajetória de vida de muitos trabalhos, com muito sofrimento à medida que foram perdendo a família e a saúde e chegaram à velhice com a falta de tantas coisas necessárias à manutenção da vida que não viam outro horizonte senão aceitar a institucionalização.

FONTES

DOCUMENTAIS

- Livro de Atas da Diretoria da FASE. Arquivo da Instituição.
- Livro de Atas do Conselho Deliberativo da FASE. Arquivo da Instituição.
- Livro de Atas da Assembléia da FASE. Arquivo da Instituição.
- Estatutos da FASE (Edição Atualizada), 2004. Arquivo da Instituição.
- Regimento Interno do Abrigo da FASE (Edição Atualizada), 2004. Arquivo da Instituição.

ORAIS

- Dona Osvalda Rezende Vieira. Interna do Abrigo da FASE. Entrevista concedida à autora em 05/11/2005 no Abrigo.
- Senhor Antônio Silva. Interno do Abrigo da FASE. Entrevista concedida à autora em 14/01/2006 no Abrigo.
- Senhor Manoel Matos. Interno do Abrigo da FASE. Entrevista concedida à autora em 14/01/2006 no Abrigo.
- Dona Olga Siqueira. Interna do Abrigo da FASE. Entrevista concedida à autora em 27/11/2005 no Abrigo.
- Dona Geralda Vieira dos Santos. Idosa que pleiteia uma vaga no Abrigo da FASE. Entrevista concedida à autora em sua residência em 21/10/2005.
- Denise de Fátima Bond Jager. Coordenadora do Abrigo da FASE. Entrevista concedida em 12/04/2005 no Abrigo da FASE.
- Reverendo João de Oliveira Souza. Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Entrevista concedida em 26/05/2005 no gabinete pastoral da 2ª Igreja Presbiteriana de Uberlândia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRECIANE, Maria Stella Martins. *Lógica e Dissonância Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 6, nº 11, set/1985 – fev/1986, p. 13

CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 8. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CUNHA, Marizete Aparecida da. *Asilo São Vicente e Santo Antônio – Memória e História*. Monografia da Graduação do Curso de História. UFU, 1999.

EUSTÁQUIO, Nuccia Alves. *Terceira Idade – Novos Olhares e Novos Seguintos*. Monografia do Curso de Graduação em História, UFU, 2002.

FUENTES, Carlos. *O Espelho Enterrado Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de Lembrar e de Inventar (re)lembranças de Migrantes*. São Paulo. Arte e Ciência, 1999.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular e Desenvolvimentismo em MG: Caminhos Cruzados de um mesmo Tempo* – Tese de Doutorado. USP, 1988 p. 86.

MELLO, J.M.C. de e NOVAIS, F.A. *Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna*. In SCHWARCZ, L.M. (org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras, 1988, p. 576.

PEREIRA, Cilésia Aparecida. *A Institucionalização da Velhice e o Cotidiano de Internos do Asilo São Vicente de Paulo em Paracatu*. Dissertação de Mestrado - História Social. UFU, 2004.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, vol1, nº2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um experimento em Igualdade*. Projeto História, São Paulo, nº 14, p. 7-24, fev/1997.

PORTELLI, Alessandro. *O Que Faz a História Oral diferente*. Projeto História, São Paulo, nº 14, p. 25-39, fev/1997.

SILVA, Solange Cristina Almeida. *Algumas Considerações Acerca da Lide com o Idoso Senil no Âmbito Familiar*. Monografia do Curso de História. Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Itumbiara, 2004.

SILVA, Margareth Correia de Souza. *A Vida do Idoso no Asilo e no Abrigo do Idoso*. Monografia do Curso de História. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 1999.

VIEIRA, Vandira Apolinário. *O Idoso na Instituição Asilo*. Monografia do Curso de História. Universidade Estadual de Catalão, 1999.